



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO *PROF. JOSÉ DE SOUZA HERDY*
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, CULTURAS E ARTES

LEONARDO SILVA DE ARAÚJO

**A mediação de leitura para crianças do candomblé: uma contribuição ao incentivo a
leitura**

DUQUE DE CAXIAS

2023

Leonardo Silva de Araújo

A mediação de leitura para crianças do candomblé: uma contribuição ao incentivo a leitura

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes. Área de concentração: Discurso, Cultura e Formação Humana.

Orientador: Prof. Dr. Renan Gomes de Moura

Duque de Caxias

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

A663m Araújo, Leonardo Silva de.

A mediação de leitura para crianças do candomblé: uma contribuição ao incentivo a leitura / Leonardo Silva de Araújo. – Duque de Caxias, Rio de Janeiro. 2023.

99 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Renan Gomes de Moura

Dissertação (mestrado) – UNIGRANRIO, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes, Rio de Janeiro, 2023.

1. Leitura. 2. Candomblé. 3. Terreiro. 4. Memória. 5. Feminismo. 6. Observação.
I. Moura, Renan Gomes de. II. Título. III. UNIGRANRIO.

CDD: 370

Rodrigo de Oliveira Brainer CRB-7: 3396

ANDRÉ LEONARDO SILVA DE ARAÚJO

**A MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA CRIANÇAS DO CANDOMBLÉ: UMA
CONTRIBUIÇÃO AO INCENTIVO À LEITURA**

Dissertação apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 25/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Renan Gomes de Moura
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da
UNIGRANRIO

Prof.^a Dr.^a Tamara de Souza Campos
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da

 Documento assinado digitalmente
LEONARDO DAVINO DE OLIVEIRA
Data: 25/09/2023 19:39:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira
UERJ

Agradecimentos

A vida é feita de momentos e em cada um desses momentos devemos viver intensamente, não tenho como escrever estas linhas sem lembrar de tantas pessoas que passaram em minha vida, de tantas lições, de tantos aprendizados, e por que não de tantas decepções, caí, me ralei mas levantei, e hoje estou aqui escrevendo essas linhas para agradecer a todas essas pessoas indistintamente, meu muito obrigado pelo ensino e pelo aprendizado pelos quais me fizeram crescer.

Também não tenho como estar presente aqui nesse momento se não fosse a mulher mais importante da minha história, a pessoa que mais amei em minha vida, e que se estivesse aqui neste plano espiritual vibraria comigo por mais esta conquista, Mãe de onde estiver agradeço pela vida agraciada a mim, pelos conselhos, por ser minha mãe quando o mundo me engolia, obrigada por suas palavras de conforto aos quais me fizeram mais forte, quantas saudades!

Agradeço a Iyalorisá Obáganju, por todos os ensinamentos, por todos os anos que passei em seu ilè asé usufruindo de seus conhecimentos, por me conduzir ao mundo do candomblé que tem suas raízes africanas mas é tipicamente brasileiro, e por fim por me fazer conhecer a força da natureza viva, simbolizada pelos Orixás.

Agradeço a compreensão de todos que por longos períodos tiveram que se abster da minha companhia devido a elaboração desta dissertação, só nós mestrandos sabemos das coisas que temos que abdicar em prol da pesquisa, não poderia esquecer de meus irmãos e de minha mais que amiga Caroline Botelho por ter me ajudado nas decisões quanto aos estudos, e por último agradeço a meu orientador Professor Doutor Renan Gomes de Moura, por me conduzir com tanto carinho e atenção por essa exploração acadêmica.

“Agradecer é reconhecer o bem que alguém lhe fez, pois saudades não significa estar longe mas sim que estivemos juntos um dia”

Gratidão!

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades [...] “É preciso que a leitura seja um ato de amor.”

(Paulo Freire)

Resumo

ARAÚJO, Leonardo Silva de. A MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA CRIANÇAS DO CANDOMBLÉ: uma contribuição ao incentivo a leitura. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Humanidades Culturais e Artes) - Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa tem como premissa investigar a importância da mediação de leitura em espaços de cultos litúrgicos das religiões afro-brasileiras. Analisar a contribuição da leitura na valorização do povo de terreiro e suas crenças, buscando demonstrar através da leitura uma ferramenta eficaz na construção de uma identidade por meio de histórias que relatam a trajetória de seus ancestrais. Indagar a importância da leitura em relação à perpetuação do culto das religiões afro-brasileiras por meio da mediação de leitura, além do incentivo a educação, sendo a leitura uma precursora para manter viva suas histórias, memórias e cultura. Averiguar os principais atores responsáveis pela mediação de leitura dentro desses espaços sagrados, na formação e construção identitária das crianças de terreiros quanto a sua liturgia, relatar a formação dessa identidade como forma de combate ao racismo e aos preconceitos étnicos e religiosos vigentes na sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Leitura. Candomblé. Terreiro. Memória. Feminismo. Observação.

Abstract

ARAÚJO, Leonardo Silva de. A MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA CRIANÇAS DO CANDOMBLÉ: uma contribuição ao incentivo a leitura. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Humanidades Culturas e Artes) - Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, 2023.

The present research aims to investigate the importance of reading mediation in spaces of liturgical cults of Afro-Brazilian religions. To analyze the contribution of reading in the valorization of the people of terreiro and their beliefs, seeking to demonstrate through reading an effective tool in the construction of an identity through stories that report the trajectory of their ancestors. To ask the importance of reading in relation to the perpetuation of the cult of Afro-Brazilian religions through reading mediation, in addition to encouraging education, being reading a precursor to keep alive their histories, memories and culture. To investigate the main actors responsible for reading mediation within these sacred spaces, in the formation and identity construction of children of terreiros regarding their liturgy, report the formation of this identity as a way to combat racism and ethnic and religious prejudices in force in Brazilian society.

Keywords: Reading. Candomblé. Terrace. Memory. Feminism. Observation.

Lista de figuras

Figura 1: Print da tela do Portal de Periódico da Capes em 26/09/2023.....	14
Figura 2: Print da tela do Scielo em 26/09/2023.....	15
Figura 3: Desenho de colorir Orixás. Fonte: https://www.artstation.com/artwork/vJZZnv	60
Figura 4: Livro Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	63
Figura 5: Oxum - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	66
Figura 6: Ogum - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	69
Figura 7: Oxóssi- Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	73
Figura 8: Iemanjá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	76
Figura 9: Xangô - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	80
Figura 10: Exu - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	94
Figura 11: Ossãe - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	94
Figura 12: Omolu - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	95
Figura 13: Oxumarê - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	95
Figura 14: Oyá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	96
Figura 15: Obá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	96
Figura 16: Ewá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	97
Figura 17: Logum Edé - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	97
Figura 18: Nãã - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	98
Figura 19: Oxaguiã- Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	98
Figura 20: Oxalufã - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural.....	98

Lista de tabela

Tabela 1: Sessões de mediação de leitura.....	64
---	----

Sumário

Introdução.....	12
Objetivo geral.....	18
Objetivos específicos.....	18
Justificativa.....	19
1. Etnografia, antropologia leitura e candomblé: caminhos teórico-metodológicos.....	21
1.1. Os espaços sagrados.....	23
1.2. A constituição do candomblé no Brasil.....	27
1.3. Ser parte do <i>asé</i>	29
2. O feminino no candomblé.....	32
2.1. O candomblé família e leitura.....	33
2.2. O feminismo nas religiões de matrizes africanas.....	42
3. A mediação de leitura para crianças do candomblé.....	47
3.1. Mediando leitura para crianças do candomblé.....	54
3.2. O espaço sagrado para as crianças.....	57
3.3. Os Orixás no material didático para a roda de leitura: Oxum, Ogum, Oxóssi, Iemanjá e Xangô.....	62
3.3.1. Oxum rainha das águas doces.....	65
3.3.2. Ogum o Deus do ferro e dos caminhos.....	68
3.3.3. Oxóssi o grande caçador.....	71
3.3.4. Iemanjá a rainha do mar.....	74
3.3.5. Xangô o senhor da justiça e dos trovões.....	78
Considerações finais.....	82
Referências:.....	86
Anexos:.....	94

Apresentação

Trago para esta dissertação minha bagagem como praticante do candomblé tal qual minha experiência como mediador de leitura no projeto Biblioteca Viva em Hospitais, no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que atuei por volta de três anos, neste projeto tínhamos a responsabilidade de mediar leitura nos setores do hospital, da emergência a internação, foi neste momento que percebi a verdadeira importância desta atividade, pois dava um momento de conforto para as crianças que por estar ali em tratamento vivenciavam um ambiente fatigante, em contrapartida a mediação de leitura era capaz de transportar essas crianças para mundos imaginários possibilitando um certo conforto seja em um momento de internação ou não.

A leitura é um meio de criar pontes de ludicidade colaborando com o bem-estar das crianças e inculcando nelas o gosto pela prática de leitura. Sempre me perguntei como a leitura podia impactar de forma positiva a vida das crianças, e muitas vezes tive respostas rápidas, ao observar que essa atividade trazia para as crianças momentos prazerosos em suas descobertas como leitor, por exemplo, ao descobrir que seu personagem venceu sua enfermidade, pois a mediação de leitura as coloca frente as suas realidades.

Quando pensei na temática desta pesquisa, a primeira questão foi em como trazer para essas crianças de candomblé atividades que contribuísse de forma positiva, daí comecei a pensar como seria essa atividade, quais tipos de livros apresentaria. Confesso que foi um desafio, porém foi uma experiência ímpar ao qual relato nesta pesquisa. As crianças do candomblé são bem receptivas a atividades dentro do contexto religioso, e isso foi uma deixa para que eu entrasse nas sessões de mediação de leitura, percebi que elas tem interesses por histórias dos Orixás e tudo que diz respeito a preservação de sua identidade, sei que esta pesquisa ainda é bem inicial no que diz respeito a mediação de leitura para crianças do candomblé, mas a julgo como um pontapé inicial para começarmos a pensar em atividades para essas crianças dentro desses espaços. Tenho certeza que essa dissertação vai colaborar muito para os pesquisadores que se interessarão com esse campo de estudo que ainda é amplo e tem-se muito a desbravar.

Introdução

A mediação de leitura é uma atividade importante na vida das crianças. Na verdade a leitura deve ser praticada desde a gravidez, ou seja, os pais são os primeiros responsáveis pelo incentivo a leitura. Ler é uma prática diária que deve estar presente seja em casa, na escola ou até mesmo em um passeio de final de semana, a leitura deve estar sempre disponível e de fácil acesso para as crianças, ler é estar em sintonia com o mundo que se lê, para as crianças o importante é que a leitura seja compreensível e de fácil assimilação. Neste sentido, no campo da religiosidade, especificamente de matrizes africanas. A leitura para crianças de candomblé é uma tarefa bem trabalhosa, uma vez que estamos tratando de diversos pontos culturais e religiosos. Segundo Brito (2010, p. 3):

O conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, sua cultura política e social.

A leitura para crianças de candomblé tem um grande compromisso, pois estamos tratando da história de um povo, de ritos, de costumes de meios em que a fé é praticada. Portanto, intervir a favor de uma cultura que é passada de geração a geração por meio da leitura é quebrar paradigmas, especialmente ao observarmos que não era possível nestes espaços o acesso a livros, tão pouco livros que narrasse ainda que de forma lúdica as histórias dos Orixás, algo que só era contado por meio dos mais velhos pertencentes a este espaço sagrado, os terreiros de candomblé.

A partir dos anos de 1990 as literaturas sobre a religiosidade de matrizes africanas começaram a ser divulgadas com mais intensidade nos espaços educacionais. A lei 10.639 que determina o ensino da história e da cultura afro-brasileira nos currículos das escolas públicas e privadas foi uma das grandes percussoras dessas atividades nestes espaços embora haja muito a se fazer em prol da cultura negra tanto nas escolas quanto em toda sociedade. Uma das principais contribuições desta lei é de fato o surgimento do negro nos livros didáticos,

colaborando para que esta imagem deixe de ser retratada de forma negativa. Para Bittencourt (2006, p.72):

O livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstraram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores de grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com preceitos da sociedade burguesa branca.

Mediar leitura para crianças de candomblé seria abrir portas para a educação social na contribuição e valorização de seus costumes por meio da leitura. De acordo com Souza (1992, p. 2):

A leitura é um processo riquíssimo que não cabe em conceituações restritivas. Considerá-la simples decodificação de sinais providos de sentido próprio não basta. Há que se encarar o leitor como atribuidor de significados; e nessa atribuição, leva-se em conta a interferência da bagagem cultural do receptor sobre o processo de decodificação e interpretação da mensagem.

A leitura para crianças de candomblé deve envolver uma aptidão antes do início das sessões de mediação de leitura propriamente dito, pois explorar o candomblé, engloba uma cultura rica em sua raiz, visto que falar de candomblé também é falar da natureza, de ecossistemas, de preservação ambiental. É uma religião que está intimamente ligada aos recursos naturais, e que cada Orixá está estreitamente interligado, embora haja um grande movimento intolerante no Brasil, o candomblé é uma religião que em sua doutrina prega a preservação da natureza, ao qual só é permitido retirar aquilo que será para consumo próprio, sem depredação do ambiente e desperdícios naturais. Na definição de Kileuy e Vera de Oxaguiã (2009, p. 29):

O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força e o poder da natureza, sendo seus criadores e também seus administradores.

A presente pesquisa faz uma abordagem sobre a mediação de leitura e o candomblé, enfatizando os processos que envolvem o ato de mediar leitura dentro do espaço sagrado. É importante salientar que a temática proposta não é comum, ou seja, ainda não temos estudos que tenham aprofundamento na questão da mediação de leitura em terreiros de candomblé. Por este motivo, devido a temática não ser tão comum, fala-se da importância da mediação de leitura de forma geral, e como ela teria um papel importante de impacto na vida pessoal nas crianças praticantes do candomblé. A mediação de leitura apresenta aquilo que é de práxis que é fomentar em crianças o gosto e a prática da leitura, elencando suas contribuições para vida social das crianças. Demonstrando a importância da mediação de leitura para crianças adeptas do candomblé, fazendo com que se pense nesses espaços litúrgicos, como locais de incentivo a leitura.

Esta dissertação na data de sua construção pode ser considerada inédita, pelo fato de não encontrar pesquisas com o mesmo assunto nas duas principais fontes de pesquisas que utilizei para essa busca, o Portal de Periódicos da Capes e também o Scielo, realizei a busca com o assunto: mediação de leitura para crianças do candomblé, no portal de Periódicos da Capes tive o seguinte resultado; nenhum resultado encontrado e no Scielo; não foram encontrados documentos para sua pesquisa, como nas figuras um e dois abaixo.

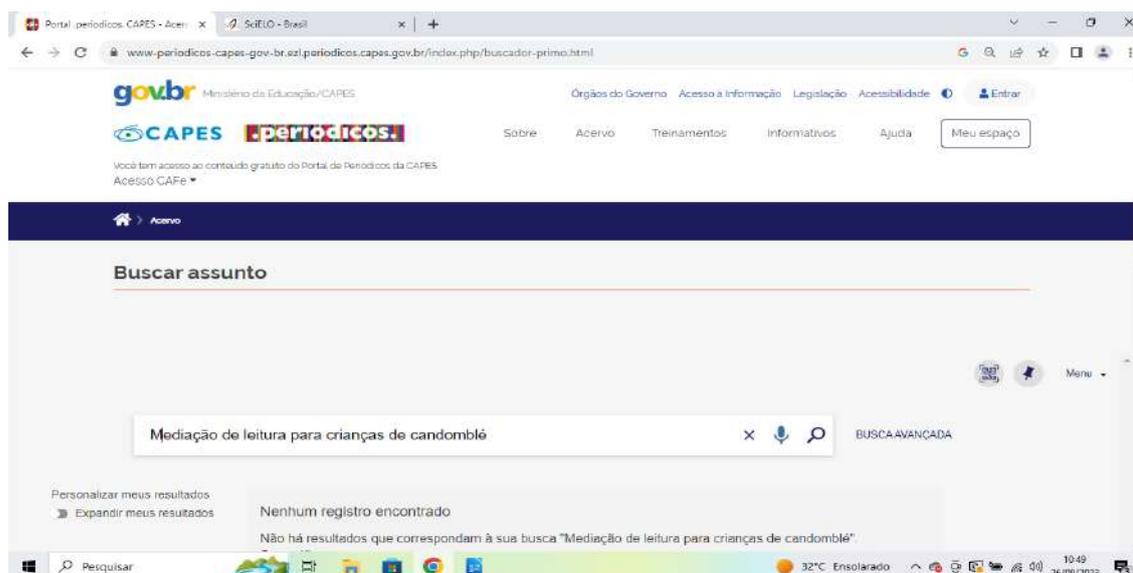


Figura 1: Print da tela do Portal de Periódico da Capes em 26/09/2023

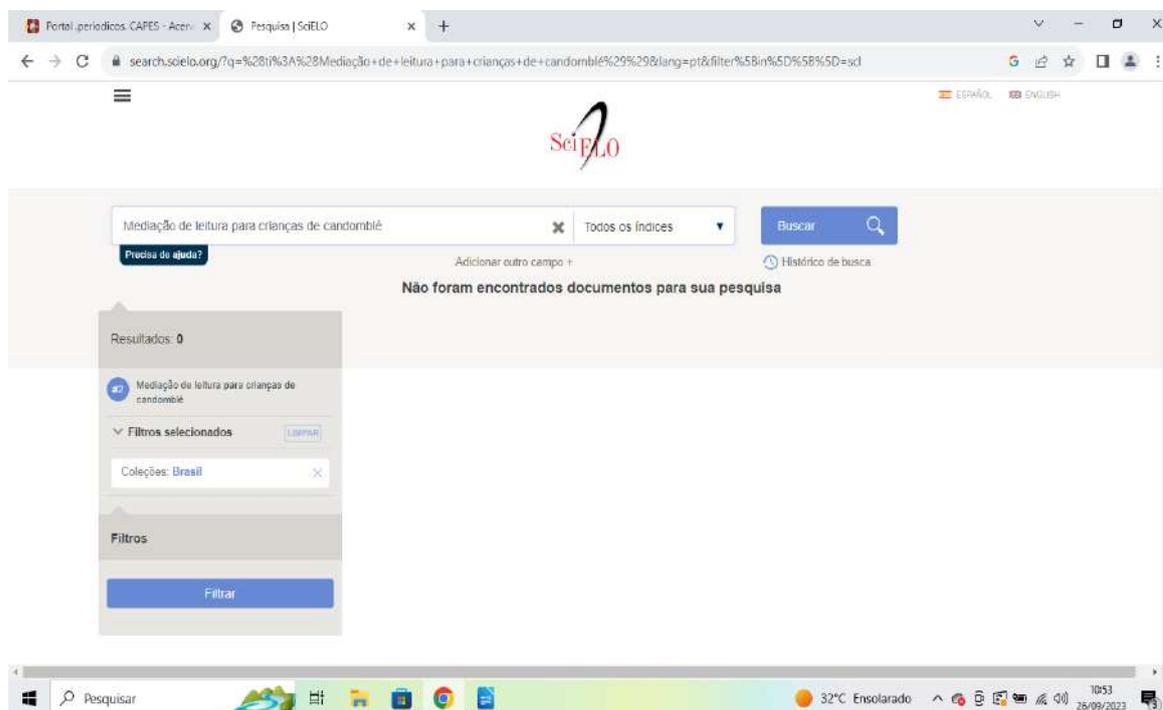


Figura 2: Print da tela do SciELO em 26/09/2023

Nesta dissertação abordamos procedimentos etnográficos advindos da antropologia, com o intuito de colher e assimilar conhecimento para melhor compreender o foco da pesquisa e a forma de adentrar em espaços religiosos enraizados culturalmente em memória e preservação. A etnografia empregada aqui busca descobrir e descrever o cotidiano dentro dos terreiros de candomblé. Do ponto de vista antropológico, conforme salientou Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, o estudo das culturas é múltiplo, diverso. Neste sentido, compreendemos os ritos e demais atividades dentro do espaço sagrado como elementos de cultura. Partindo desta observação, assimilamos a tentativa de conceituação de cultura de Geertz (1978, p. 15):

O conceito de cultura que eu defendo, é essencialmente semiótico. Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Assim, ao visualizar os elementos abrigados no espaço sagrado, neste caso, o terreiro de candomblé, compreendemos a atividade de mediação de leitura como um processo cultural fundamental para a manutenção dos elementos típicos do funcionamento, perpetuação e manutenção da memorialística dos conhecimentos da ancestralidade. Segundo Tolentino (2018, p. 62):

A representação de memórias e identidades coletivas é tarefa árdua e fortemente marcada por questões ideológicas, pois necessariamente nesse processo estão presentes os conflitos que envolvem disputas políticas, econômicas e simbólicas que permeiam o jogo social de constituição das narrativas identitárias.

É importante salientar que o candomblé em seus primórdios foi uma religião, quase que em sua totalidade de ordem matriarcal, e hoje a prática do sacerdócio está dividido entre pais e mães de santo. Nesta perspectiva, um ponto expressivo demonstrado nesta dissertação é a importância e a responsabilidade das mães de santo em ser o primeiro contato com essas crianças. A figura das 'iyálórìsà, são de empoderamento feminino, devido ser elas as administradoras destes espaços sagrados e a elas tudo ser informado, pois tudo que passa dentro dos candomblés são elas que decidem junto com seu corpo religioso. Assim, a figura feminina é primordial no primeiro contato com a leitura. Para Lima (2001, p. 21):

O poder da mãe-de-santo e sua autoridade sobre os filhos de sua casa pode ser expresso pelas cerimônias de iniciação em seus vários graus de intensidade. É a mãe-de-santo quem integra a pessoa no grupo com os rituais adequados para cada nível de participação: é quem lava as contas das abiãs; que dá o bori dos ogás; quem assenta o santo das equedes; e raspa a cabeça das iaôs. Em cada um desses ritos a mãe-de-santo é a intermediária da força mística dos orixás com o corpo de seus filhos; ela é quem estabelece essa comunicação, quem consagra e quem interpreta a vontade dos santos, criando assim, nos momentos críticos da iniciação, uma dependência que resulta num sistema de expectativas mútuas, entre ela e seus filhos-de-santo.

De acordo com Joaquim (2001, p. 102-169):

A mãe-de-santo, através dos ritos, recria o mundo, e até os próprios Orixás, já que faz o santo. Ela participa da distribuição da força sagrada, sabe como fazer para aumentá-la. Alimenta os deuses. Empréstá-lhes seu corpo, sua

1 Termo utilizado para designar as mães de santo.

voz. Assim, a mãe tem um papel na estrutura do mundo, na distribuição da energia sagrada, que é sua força vital [...] É uma liderança que exerce o controle da energia humana (comportamentos emocionais, sociais e cognitivos) em prol do candomblé. Quando existem conflitos na casa, o procedimento da mãe-de-santo consiste em verificar através do jogo de búzios, para saber qual o caminho que o Orixá está mostrando.

Mediar leitura para crianças de candomblé, traz uma responsabilidade não só com a parte religiosa como também socioeducativa e cultural. Por meio da mediação de leitura fala-se de assuntos sérios de uma forma mais suave, porém não menos importante. Como por exemplo neste estudo apontamos o livro “Conhecendo os Orixás: de Exu a Oxalá”. A importância deste livro está na capacidade de dialogar com as crianças trazendo para elas a particularidade de cada Orixá, para que elas tivessem um conhecimento mais aprofundado com uma linguagem mais apropriada. Neste sentido a leitura mediada é uma aliada na descoberta de novos mundos e conhecimentos e, de acordo com Castro Filho (2012, p. 27):

A leitura exige mediações e adesões, pois é por intermédio dela que a sociedade reproduz conhecimento e informação, e mais, com ela, os leitores podem duvidar do que parece evidente, podem investigar outras possibilidades de compreensão do mundo, podem atribuir sentidos diferentes a partir de suas vivências. (CASTRO FILHO, 2012, p. 27).

Este estudo propõe a possibilidade de realização de rodas de conversas retirando desses encontros experiências para a atividade de mediação de leitura para crianças do candomblé, tanto no seu ambiente religioso quanto no seu cotidiano. Enfatizando principalmente o legado e o ensinamento que cada divindade traz com sua história, isso é importante no que se refere a experiências de mundo, de se colocar, de encontrar e descobrir seu lugar de fala, pois sua identidade cultural estará de fato sendo apresentada de forma sem depreciação e sem demonizar seus deuses, fato esse que contribui para o empoderamento pessoal além do incentivo a leitura, e a buscar realidades de mundo. Com isso, Almeida, Costa e Pinheiro (2012, p. 477), apontam:

Mediar a leitura, portanto, é mais do que ler um livro e indicá-lo para outros leitores. Para que ocorra a mediação da leitura é necessário tornar a história interessante para o leitor, discuti-la, fazer questionamentos, mostrar os benefícios que a leitura oferece e o poder de transformação que ela tem na vida das pessoas.

Por tanto é nítida a importância que a mediação de leitura tem, no que se refere a valorização, a prática e o incentivo não só da leitura como também de outros segmentos sociais, uma vez que a leitura abre o campo do conhecimento, do entendimento, da curiosidade investigativa. Aliado a estas questões, observamos a impossibilidade de adentrar em qualquer área de conhecimento sem o apoio da leitura. É importante salientar que a leitura possibilita a construção do conhecimento, pois tudo parte do hábito de se ler. Nesta perspectiva, esta pesquisa se preocupa em abordar a importância de trabalhar a leitura dentro do espaço sagrado do candomblé.

Objetivo geral

A presente pesquisa tem o objetivo de investigar a importância e a contribuição da mediação de leitura para crianças de candomblé, promovendo a valorização da cultura e das religiões de matrizes africanas por meio de contos ao qual esse público-alvo se insere, utilizando uma literatura que narra a história dos Orixás, ou seja, que desenvolve um instrumento cultural de empoderamento frente ao racismo e preconceitos encontrados por essas crianças na sociedade.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Avaliar o impacto das rodas de conversas de leitura no desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças de terreiros de candomblé, por meio da observação da participação ativa, expressão verbal e escrita, e construção do vocabulário.

- Investigar a percepção das crianças em relação as histórias compartilhadas durante as rodas de leitura, buscando entender como essas narrativas influenciam sua autoimagem, identidade religiosa e conexão com as tradições do candomblé.
- Analisar como a participação em rodas de leitura pode fortalecer o senso de pertencimento das crianças nos terreiros de candomblé, promovendo a valorização de sua cultura e religião em um contexto literário.
- Explorar as possibilidades de conexão entre as rodas de leitura e outras práticas educacionais presentes nos terreiros de candomblé, visando enriquecer a formação integral das crianças e fortalecer sua relação com sua herança cultural.

Justificativa

A cultura afro-brasileira dentro dos terreiros de candomblé é rica em elementos e formas de se viver o mundo social que nos rodeia, diante disso compreende-se que, se tal cultura for transmitida através da leitura, bem como da oralidade para as crianças, essa cultura pode transformar o modo que a sociedade vê as religiões de matriz africanas no Brasil. Dessa forma, entende-se que as crianças em seu processo de socialização podem ser o agente transformador em um futuro próximo para nossa sociedade ser mais justa e igualitária do ponto de vista cultural e religioso. Com isso é importante elaborar uma forma de atividade para ajudar no combate ao racismo que cerca os terreiros e todos os adeptos do candomblé, não isentando nem mesmo as crianças.

Por isso se torna importante o trabalho de leitura de mitos e da cosmologia africana para as crianças do candomblé, desenvolvendo nelas uma noção de luta e empoderamento frente a um estado e uma sociedade racista e euro centrada em suas relações sociais. A presente pesquisa é importante no que tange o combate a intolerância religiosa que tem na violência uma de suas expressões mais cruéis, incutindo nas crianças de asé um posicionamento frente aos ataques direcionados as religiões de matrizes africanas. Outro quesito primordial é a ideia da construção de um local para a atividade de mediação de leitura

como também outras atividades educacionais e recreativas para crianças dentro dos candomblés, por não existir muitos estudos com essa temática, esta pesquisa se torna pioneira nos primeiros passos para cognição sobre a mediação de leitura para crianças de candomblé.

1. Etnografia, antropologia leitura e candomblé: caminhos teórico-metodológicos

Esta pesquisa é resultado de uma tentativa inicial de discutir a questão da leitura do ponto de vista antropológico. O material etnográfico que utilizo aqui para considerar algumas das questões propostas pela literatura tem origem nas sessões de mediação de leitura em terreiros de candomblé e se organiza na forma de observação e rodas de conversas com os responsáveis por esses espaços sagrados, havendo interação entre a presente pesquisa e os envolvidos, conforme sugestão de F. Weber (2001), Os que desenvolve sistemas de interação com os significados compartilhados pelos agentes envolvidos nessa relação, e prioriza a dependência da comunicação. Segundo Vigotski (1993, p. 481):

Para entender o discurso do outro, nunca é necessário entender apenas umas palavras; precisamos entender o que pensa e o que sente sobre o que falou. É preciso ir além das palavras e descobrir o que tem por detrás delas, pois se torna incompleta a compreensão do pensamento do interlocutor sem a compreensão do motivo que o levou a emití-lo.

A etnografia que sustenta as questões que apresento aqui é fruto de uma extensa pesquisa e da convivência em profundidade com terreiros do Rio de Janeiro. A criação de quadros etnográficos baseados no conceito de "cenas públicas" permite um certo tipo de poucas cenas que são vistas em diferentes contextos e combina duas ou mais pessoas para criar um terceiro "escrito", sem que isso prejudique os problemas sociais que se pretende discutir. Nos casos que apresento aqui, esse serviço foi adotado, sobretudo, para manter em sigilo os detalhes dos personagens envolvidos. Assim, certas conversas e suas condições são transferidas de seu local de origem para outro, permitindo ocultar a verdadeira identidade dos artigos etnográficos.

Levantam-se aqui algumas questões muito importantes, ao mesmo tempo em que abre uma porta interessante para comparar diferentes mundos ou configurações sociais tendo o próprio conceito de propriedade cultural como modo de vida religioso, isso remete a primeira questão, que é a valorização da memória e da oralidade e até mesmo de histórias mediadas, nesses espaços sagrados, pois não é uma característica das relações-públicas gerais,

embora seja garantido que existam formas de posse ou uso privado de determinados objetos ou lugares. Nesse sentido, não pretendo encerrar o tema, mas apresentar algumas das primeiras questões específicas do conjunto de questões que identifica a pesquisa e também a mediação de leitura como um resgate cultural e etnográfico. Para Humberto (2021):

Seguiremos este caminho, em tempos que nos mostram valorizações diversas, mas tantas vezes descuidadas, da etnografia, e depreciações também múltiplas da antropologia e das ciências sociais em geral. Neste percurso, procuraremos também dar espaço a outros formatos (de escrita ou audiovisuais) que assegurem dois outros pressupostos fundamentais – o do bom conhecimento e o do prazer da leitura. Ao mesmo tempo que apontamos a novas e renovadas geografias de escrita e leitura e a novas “modalidades etnográficas” de representação, assegurando que o Mundo, nas suas sempre emergentes, desconhecidas ou silenciadas diversidades, seja mais conhecido e reconhecido. É seguramente um dos caminhos que queremos percorrer.

Nas religiões afro-brasileiras, a principal forma de atrair novos adeptos é disponibilizar canais participativos para que as pessoas possam incutir valores religiosos em si mesmos por meio do uso de conhecimentos ancestrais nestes espaços. Para os conhecedores, a religião não se “manifesta” aos olhos de quem não a vê. Aos olhos da comunidade religiosa, o pesquisador deve “participar” do processo religioso para “entender” os significados religiosos, neste ponto incube-se a importância da mediação de leitura para colaborar com o ensinamento e a história dos ancestrais divinizados do candomblé.

A leitura é um processo social ao qual um indivíduo pode compreender o outro e a si mesmo e se orientam em relação ao seu meio social, aqui envolvidos com o candomblé e as práticas culturais afro brasileiras, a leitura mediada engaja-se em vários tipos de interação social nestes espaços, buscando um reencontro com seus saberes e práticas religiosas ao qual fazem uso da etnografia na valorização de modos de resistência e empoderamento, tanto do templo quanto de seus membros. Cafiero (2005, p. 9), sobre leitura diz ser:

Uma atividade ou um processo cognitivo de construção de sentidos realizado por sujeitos sociais inseridos num tempo histórico, numa dada cultura. Entender a leitura como processo de construção de sentidos significa dizer que quando alguém lê um texto não está apenas realizando uma tradução literal daquilo que o autor do texto quer significar, mas que está produzindo

sentidos, em um contexto concreto de comunicação, a partir do material escrito que o autor fornece.

Aprendemos a ler o mundo desde pequenos, o qual a leitura é um dos primeiros passos para compreendermos nosso espaço, nosso lugar social, nosso lugar como pessoa, a leitura é um processo de comunicação importante para que assim possam desenvolver nossas ações cognitivas que vai muito além de decodificar palavras, a leitura é um meio de descobrir segredos e mistérios que as coisas e os objetos guardam ao longo da história, a leitura é um modelo de comunicação que engloba a troca de informações como um modelo não é algo isolado e nem contemporâneo é importante e necessário considerá-lo parte do desenvolvimento cultural. Bruner (1997, p. 139), apontam que:

O processo de criação de significados é construído na interação do homem com a cultura da qual faz parte – a cultura é constitutiva da mente. É no processo de criação de significados que os sujeitos organizam sua experiência no mundo, seu conhecimento sobre ele e onde ocorrem as trocas entre os sujeitos.

A comunicação humana é importante e se desenvolve em diversas naturezas sendo uma delas tema desta pesquisa, a leitura é primordial para as crianças destas comunidades em que se reconhecerão como parte pertencente a um determinado nicho social, criarão identidades próprias e vão valorizar suas raízes culturais, a comunicação vai muito além do ato de se comunicar é uma forma de se colocar frente as diversidades do dia a dia. No candomblé o principal meio de comunicação com o mundo aqui fora é o jogo de búzios um oráculo usado para trazer determinações dos Orixás trazidas por Exu, ou seja, um meio de comunicação. No candomblé tanto um gesto e uma dança são formas de se comunicar.

1.1. Os espaços sagrados

Para um pesquisador é importante se atentar ao espaço sagrado ao qual ira adentrar, pois esses lugares são todos envolvidos por forças que residem ali energeticamente, que são plantadas por seus sacerdotes para que possam habitar e ser cultuados naquele ambiente, não é tão simples assim como se adentrar em um banco ou até mesmo em uma igreja, as casas de

matrizes africanas trazem consigo uma grande responsabilidade em manter viva suas histórias e para esta pesquisa foi de grande valia conhecer e respeitar o espaço sagrado dedicado aos Orixás, para a observação das sessões de mediação de leitura.

Um dos métodos mais comuns de pesquisa entre um pesquisador e um grupo religioso de matriz africana, é a consulta ao sistema de voz, ou seja, o jogo de búzios, aliás, um dos principais canais de relacionamento do candomblé da mãe ou pai de santo e sociedade. Muitos pesquisadores desenvolveram seus primeiros contatos com mães e pais de santo por esta prática de leitura religiosa. O jogo de búzios é importante para as equipes na medida em que, por meio dele, a participação do futuro membro no terreiro pode ser legalizada ou não ser possível. E daí também surge um método de leitura divinatório ao qual apenas o sacerdote é capaz de decodificar.

As mães ou pais de santo, em consulta aos búzios, sabem, se as intenções dos pesquisadores são “boas” ou não, ou se possuem “qualificações espirituais” para obter informações religiosas advindos daquele espaço sagrado. O efeito do jogo do búzio pode estabelecer, portanto, no pesquisador atitudes positivas ou negativas.

Através do jogo de búzios, a mãe e o pai de santo também buscam encontrar o “santo protetor” do pesquisador, que o coloca em um sistema de compreensão religiosa, em que os modelos de relações interpessoais são guiados pelas qualidades de sua mitologia de deuses protetores. E, neste caso, conceder identidade religiosa ao pesquisador é uma forma de tornar a pessoa “visível” em relação ao grupo. Além disso, o jogo da concha permite que a mãe ou o pai de santo abra um canal de contato com o pesquisador, conheça-o melhor e ganhe algum poder sobre a vastidão de sua vida pública ou privada.

A convivência no terreiro também obriga o pesquisador a aderir aos ritos restritos de todos que entram na casa. Essas práticas visam, entre outras coisas, estabelecer ou fortalecer laços que unam e identifiquem o grupo em uma perspectiva global compartilhada em nível coletivo e pessoal. Um pesquisador, no entanto, ao se envolver em várias culturas, é, portanto,

obrigado a cumprir as regras que se aplicam a ele, incluindo regras como: não beber álcool ou não fazer sexo por algum tempo antes de sua prática.

Para entender melhor por que grande número de pesquisadores que estudam diferentes religiões afro-brasileiras acabam participando de alguma forma de inclusão religiosa, incluindo a iniciação, é importante considerar as diversas interpretações expressas pelos próprios antropólogos em sua associação religiosa no grupo. Nesse sentido, o conhecimento de escritores considerados imortais na pesquisa do Candomblé, como Roger Bastide e Pierre Verger, é um modelo.

Roger Bastide, apesar de não realizar extensa pesquisa de campo, desde sua viagem à Bahia, descrita nas *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto* (1945), mostrou-se profundamente seduzido pelo mundo dos terreiros. Essa sedução o levou a defender o ministério de campo onde o pesquisador não deve se colocar sem a experiência social de seus estudos, mas viver como se fosse seu. E no caso dessa experiência pública, a iniciação foi uma característica proeminente.

O texto etnográfico é geralmente uma redução viciosa no volume de oportunidades para interpretar o conhecimento de campo e a aplicação complexa de flexibilidade entre pesquisador e entrevistadores. Primeiro, porque o texto etnográfico, como qualquer forma de representação escrita, é em si uma modificação ou alteração da verdade que se pretende escrever, interpretar, compreender, explicar, etc. Segundo, porque, pela natureza enorme e dinâmica da realidade social, é impossível conceber uma representação etnográfica plenamente repetitiva, ainda que pensemos poder abordá-la em termos de fusão de instituições ou fatos, como afirma Marcel Mauss.

Na transição do trabalho para a interpretação do discurso científico, o pesquisador observa que ouvir e observar ações ou discutir “ao vivo” é muito diferente de construir texto etnográfico considerando essas ações e discussões. Além disso, no desenvolvimento do discurso científico – marcado com busca proposital e universal (que o separa de outras formas de expressão) - pouco se revela sobre a relação entre a verdade estabelecida e as condições de

produção das apresentações e sua natureza. Como recorda Dominique Maingueneau (1989, p. 58): “Seria diferente se sociólogos da ciência a considerar a economia do discurso, e não apenas como portadores de informação”.

No caso da escrita etnográfica, essa crítica se torna particularmente significativa porque, sendo a escrita uma descoberta cultural, a etnografia, como projeto de geração de informações sobre grupos sociais e suas culturas, também possui um modo próprio de conhecer. Ou seja, especular sobre o conhecimento de qualquer sociedade, sem questionar a própria natureza dessa informação, é atingir apenas parte dos objetivos etnográficos.

A constante abolição, no texto etnográfico, de “andaimos” que permitem a sua construção e elimina a possibilidade de olhar para a organização para narrar as muitas formas criadas. Sob a homogeneidade do estilo de escrita etnográfica, as experiências do fórum muitas vezes perdem algumas de suas características básicas (como história e final onde as pessoas encontram descrições de vida cultural cotidiana) "oposição" na forma de dados ou informações autorregulatórias de qualquer política que você tenha produzido, seja um trabalho de fórum ou texto etnográfico.

Mesmo em etnografias de trabalho árduo, raramente se vê a conexão entre essa categoria e o arranjo do diálogo etnográfico. Como apontou James Clifford (1998), as referências ao serviço de campo em etnografias são, em geral, limitadas a apresentações metodológicas ou notas de rodapé, onde o tempo é gasto por um antropólogo com o grupo pesquisado, forma como este profissional chegou ao campo e como iniciou sua pesquisa enfim “dados objetivos” que pretendem mostrar claramente ao leitor a grande “proximidade” atingida pelo antropólogo em relação ao grupo descreve Clifford (1988).

Os dados da experiência do antropólogo, principalmente aqueles considerados mais “subjetivos” (ou timbres ou entoações” das vozes dos “informantes”). Quando expostos aparecem com cautela na escrita etnográfica, para não se ocorrer o risco de tornar a etnografia uma experiência única e singular ou passível de ser confundida com uma obra de” literatura” propriamente dita.

Nas etnografias das religiões afro-brasileiras, nota-se também uma forte diferença entre o grau de interpretação ao qual pode ser apresentada de diversas maneiras e formas, como por exemplo, a passagem dos Orixás, cada espaço sagrado traz em sua oralidade um itãn (história) de identidade de suas raízes trazidas pelos mais antigos e que perduram até os dias atuais, isso traz uma identidade diferenciada a cada espaço de culto afro brasileiro em que cada um cultua de sua forma ou maneira dependendo de sua ramificação.

No período pré-colonial, as descrições das religiões africanas e afro-brasileiras apareciam com mais frequência nos escritos dos viajantes, nos registros judiciais patrocinados pela Igreja Católica ou nos relatórios policiais e procedimentos legais aprimorados pelo Governo e suas estruturas repressivas e foi muitas vezes publicado em jornais. Os textos etnográficos escritos por Nina Rodrigues no final do século passado, ao descrever seitas afro-brasileiras, em outras palavras, lançaram as bases para uma discussão dessas seitas muito próxima do que seria aceito pela escola como etnografia oficial sob a influência de Malinowski, que debate a universalização da religiosidade e magia, igualando-as ao pensamento científico.

1.2. A constituição do candomblé no Brasil

O candomblé tem suas origens da terra de *Ifé*, na África, território atual da Nigéria, embora o candomblé seja uma religião brasileira criada pelos escravos trazidos de forma comercial para o Brasil. A prática dessa religião encontra-se na presença de elementos do catolicismo romano, que foi empregue pelos povos escravizados na tentativa de disfarçar suas tradições civilizatórias, para que não passassem por punições dos senhores coloniais. A base do candomblé é definida pela crença dos Orixás, que são as divindades africanas. Cada Orixá representa um elemento da natureza: cachoeira, mar, floresta, raios, tempestades e pedreiras. Suas manifestações básicas para os seres humanos se dão através da incorporação ao longo das cerimônias, Carmo (2017). A prática do candomblé no Brasil não seria possível se não tivesse acontecido o maior fluxo migratório forçado da história. O Brasil moldou-se através

de um processo violento, em que culminou com a retirada de cerca de 13 milhões de pessoas da África cerca de 350 anos.

Historicamente, houve uma divisão de grupos étnicos linguísticos, sendo eles, *bantos, fons e iorubas*. De início, a rota que mais ocorria a atuação e a principal era entre Bahia, estado da região nordeste do Brasil, e o Golfo da Guiné, Congo e Angola. A Bahia era o destino escolhido pelos colonizadores europeus e se tornou o berço do candomblé no nosso país para o “novo habitar” de mais de um milhão de cativos. Nesse contexto, as mulheres que chegaram aqui desenvolveram um papel fundamental tanto na construção dessa nova sociedade, como na perpetuação e preservação dessa cultura ancestral (Kilomba - 2020).

Dentro do Candomblé a ligação com o sagrado espiritual acontece através do uso do oráculo, e apenas na maior autoridade e guardiã dos saberes ancestrais pode realizar essa consulta aos búzios, logo, os babalorixás (conhecidos como os pais de santo) e as ialorixás (chamadas de mãe de santo). Estes são os verdadeiros zeladores do patrimônio, o conjunto material e imaterial da cultura de origem africana preservada e recriada nos terreiros.

O *asé* consiste no poder emanado pelos orixás, energia com a capacidade de realizar mudanças grandiosas na vida coletiva e individual dos praticantes da religião ao longo das cerimônias públicas e privadas, especialmente no momento do processo de transe Carmo (2017).

Rabelo (2015) discorre que o rito de transe no candomblé vai além do momento em que ocorre durante as festas, pois nesse momento acontece a conexão ao passado mítico dessas divindades. Rabelo (2015, p. 28), ressalta:

No candomblé, emblematicamente, quando o filho-de-santo entra em transe e incorpora um orixá, assumindo sua identidade representada pela dança característica que lembra as aventuras míticas dessa divindade, é o passado remoto, coletivo, que aflora no presente para se mostrar vivo, o transe ritual repetindo o passado no presente, numa representação em carne e osso da memória coletiva.

O autor define o sagrado como, algo que está relacionado a uma crença em Deus, ou em santos, espíritos e antepassados mortos, o mesmo ressalta que o sagrado está relacionado à esfera religiosa. O espaço sagrado estará sempre conectado a uma religião, grupo ou cultura determinada. Qualquer local que você estabelece uma conexão com alguma divindade, pode ser considerada um espaço sagrado. Uma cachoeira pode ser esse espaço das águas, assim como uma árvore, se você acredita que naquela floresta existia um deus ou um espírito que habita aquele local.

1.3. Ser parte do *asé*

A expressão “santos” não é significativa. O santo é "feito" até que seu iniciado colete uma série de recursos e ensinamentos em longo prazo, ao mesmo tempo em que um conjunto de rituais realizados pelo pai ou mãe de santo está presente como, por exemplo, a contação de histórias dos Orixás, seria essa a primeira sessão de mediação de leitura dentro desses espaços litúrgicos? O “santo é sempre “feito”, o que é bom depois da iniciação, pois há um conjunto de obrigações realizadas durante o período de iniciação, para completar um ciclo permanente que renova a relação a cada tempo”.

O cumprimento de uma fase abre caminho para outra, criando um ciclo contínuo, que termina apenas com a idade adulta que seria a obrigação de sete anos ou o *odú egè*, em contrapartida existe a realística que um ser pertencente aos cultos afro-brasileiros estarão sempre aprendendo pois como se diz um ditado popular dentro dessas casas de santo, é que “o Candomblé é uma faculdade que você se forma mas nunca vai aprender tudo”. Segundo Flaksman (2017):

No candomblé a pessoa é formada de maneira contínua, ao longo do tempo — está, portanto, sempre se fazendo, sendo construída. Cada novo elemento que surge — ou seja, cada novo enredo — acopla-se aos demais, formando uma totalidade momentânea. Cada enredo é a um tempo todo (por ser completo em si) e parte (pois cada um é sempre parte de um enredo maior, que por sua vez nunca se completa). Ter enredo, portanto, equivale até certo ponto a ser um pouco a coisa, a entidade ou a pessoa com quem cada um se relaciona. Uma pessoa que tem enredo com Oxum é em parte Oxum, ou uma parte de Oxum; uma Oxum que tenha enredo com Oxóssi é em parte

Oxóssi, e assim por diante. Ter enredo é, portanto, carregar consigo um pouco do outro.

Costuma-se dizer de uma pessoa que começou há muito tempo que “o seu santo é velho”. Um dos valores centrais do Candomblé é o respeito ao cargo superior, pois a classe religiosa é organizada no momento de sua criação. O "velho santo" sempre foi reverenciado como alguém que "acumulou um machado" ao longo dos anos, Santos (1984: p. 45-46).

Os mais velhos, assim como o pai e mãe de santo e, surpreendentemente, os recém-chegados, são eles que poderiam se concentrar no poder espiritual de mover o sistema. O esforço dos antropólogos para corrigir as narrativas etnográficas de forma impessoal e generalizada muitas vezes impede que o autor e o leitor vejam, e por alguma experiência e condições de discussão entre o pesquisador e os membros das equipes de pesquisa. Os problemas e as dificuldades nesse campo e a frequente ausência de uma campanha que vai além da experiência dinâmica do texto etnográfico, podem ser um legado útil para várias gerações de antropólogos, que, em geral, enfrentam desafios semelhantes em sua produção de etnografias. Por fim, a complexa e problemática relação entre o texto etnográfico (história) e o trabalho de campo de apoio é enfrentado por todo historiador durante a classificação e sua colocação no intuito de buscar a ideia de narrar o “fotógrafo” ou “corrigir” o sentido cultural que alguém está tentando representar.

Pense na etnografia assim como na arte das “joias”, a arte da boa leitura aberto a pensar no jogo das sombras e talvez uma das provas mais difíceis para desafiar seus participantes Vicent Crapanzano “ele já havia lembrado que os textos etnográficos, lançando luz na cultura alheia, refletem a dignidade de quem os escreve”. Resta que reflitam as inúmeras mãos de quem não escreve, mas não participa das várias etapas de seu desenvolvimento. Mattos (2011, p. 58), afirma que:

A etnografia está interessada no significado local para estas pessoas em particular. Existe este interesse geral em comparação com todos os outros modos de ser e fazer que nós conhecemos como humanos, mas existe também o interesse no estudo de caso local, de ser bem específico sobre o significado da organização de um grupo particular de pessoas.

Para a pesquisa de campo dentro dos terreiros de candomblé foi primordial passar pelos conceitos de antropologia e etnografia uma vez que estes espaços sagrados veem carregados de legados culturais e religiosos conflitando muitas das vezes com seus próprios membros, mediar leitura para crianças em terreiro não é uma tarefa comum uma vez que isso vai invadir espaços que não era habitado com tal atividade, e o pesquisador tem que possuir certo entendimento da atividade de um antropólogo para Nunes (1977, p. 148):

Na verdade, se este o (antropólogo), inicialmente pelo próprio caráter de seu trabalho em sociedades simples, estava destinado a entrar em relações muito próximas e intensas com o grupo pesquisado, ao buscar compreender os grupos sociais que interagem em sociedades complexas (tanto em comunidades rurais quanto em sociedades urbanas e industriais) O antropólogo não abandonou esta característica que vem sendo a marca do trabalho antropológico, ou seja, a convivência profunda e intensa com o grupo em estudo, considerada como parte integrante e dado fundamental na análise posterior do material obtido na pesquisa, seja em virtude da interferência que sua simples presença terá causado no cotidiano do grupo estudado, seja por questões que envolvem julgamentos de valor e tomadas de posição em relação a problemas que podem surgir no cotidiano deste mesmo grupo.

Foi de grande relevância para este trabalho o convívio com o local de pesquisa e a inserção social dentro dos candomblés ao qual esta pesquisa foi elaborada, a análise parte do princípio que todos os membros, aqui me refiro às crianças devem ser investigados para que assim possa adquirir certa confiança para a obtenção dos dados para a construção processual do presente trabalho, por tanto foi viável fazer um breve estudo sobre o trabalho de atuação do pesquisador com seu olhar etnográfico segundo Mattos (2011, p. 50):

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador.

Ser parte do asé requer compreensão de que tudo se aprende, tudo é cíclico, entrar em um espaço religioso ainda mais de matriz africana é como resgatar laços e memórias. É

saber que a pessoa é parte do mundo e da natureza, desde as folhas das plantas até um grão de areia, compondo uma realidade sagrada e sacralizante.

2. O feminino no candomblé

Sendo o candomblé uma religião que tem como base o poder feminino é impossível falar de leitura sem citar a importância da mulher dentro do candomblé, e também abordar a importância do feminismo dentro destes espaços sagrados. As mães de santos ou *iyálórìsà* são as primeiras a mostrar o mundo lúdico os *'itàn* dos orixás para crianças, sendo as responsáveis por inculcar nessas crianças a fé, mas também a valorização do povo de matriz africana em todos os seus sentidos.

O feminismo, mas que um movimento ele é uma forma de ensinar por meio do poder e da valorização das mulheres, a partir deste raciocínio pode-se pensar num mundo onde tudo é nascido de um ser feminino como a própria *onilé*, a grande mãe terra, se pararmos para pensar as mulheres são em grande parte no candomblé e cabem a elas o ensinamento litúrgico mas também o ensinamento de vida cultural social e pessoal por ser o candomblé uma religião que abrange a família de asé tal qual a consanguínea.

A maioria das religiões do mundo contém dogmas e posturas que são reflexos do patriarcado. As representações de universo patriarcal estão presentes de uma maneira bem ampla no cristianismo, judaísmo e do islã. Essa situação de opressão feminina é tão intensa e generalizada no universo das religiões. Contudo, há diversos movimentos de contestação da perspectiva patriarcal no interior das religiões. A teologia feminista vem realizando diversos avanços no que se refere ao reconhecimento a importância da mulher no cristianismo e em outras espiritualidades, que eram tidas como redutos do poder masculino.

O feminismo consiste em um movimento histórico que surgiu em meados do século XIX, ganhando força no século XX e se reinventa ainda no início do século com pautas diversas apresentadas pelas mulheres que são múltiplas e diversas. Nos dias atuais podemos

² Palavra de origem Ioruba que significa história ou conto.

falar em feminismo negro, indígena, africano, das transexuais, das lésbicas e uma nova coletividade que também luta contra as opressões patriarcais e raciais, o matriarcado africano. Todos esses movimentos que explodiram vêm reivindicando o direito de sermos o que quisermos ser, onde quisermos e com quem quisermos³.

As vivências da discriminação sexista e racial, no cotidiano das mulheres negras, resgatam como consequências o registro de situações distintas vividas no meio das desigualdades. “Essas vivências deixam marcas, que acabam levando muitas dessas mulheres a desenvolver modelos de resistência e de sobrevivência que acabam impactando nas suas condições de vida, mas que nem sempre são vistos com a devida importância na área da saúde, pois resistir ao racismo e ao sexismo também gera o adoecimento” Kilomba (2020).

De acordo com Fátima Lima, Lélia Gonzales, Joselina Souza entre outras mulheres feministas importantes dentro desse movimento, afirmam que antes de tudo, o feminismo é uma prática experienciada por todas as mulheres no mundo, em seus tempos e espaços distintos e as diversas vivências. O feminismo é além do seu conceito, e sabe-se que da maneira como nasceu na Europa ele já não atende mais.

2.1. O candomblé família e leitura

A mediação de leitura é capaz de ampliar o pensamento e a imaginação que vai além do eu, é a reflexão que se faz do mundo com base em histórias contadas possibilitando o enfrentamento da realidade e das dificuldades, mediar leitura vai além da relação entre o livro e o leitor, é traspor as ideias antes imaginadas, é como se abrisse um novo mundo no campo lúdico e a partir disso proporcionar a quem recebe a leitura mediada o entendimento do mundo e o enfrentamento de crises, a mediação de leitura possibilita vários benefícios, entre eles: o estímulo a imaginação; a descoberta de hábitos e culturas; amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário, além do incentivo a educação. Freire (1996) “a leitura é uma das

3 Heloísa Buarque de Holanda em 2018, organizou e publicou uma obra importante, intitulada Explosão Feminista: Arte, Cultura e Universidade. Este livro apresenta uma discussão sobre as vertentes do feminismo na atualidade e demonstra a necessidade constante de discutir a questão em diversas áreas do conhecimento.

formas mais eficientes para a inclusão social das camadas excluídas da sociedade”. De acordo com Machado (2007, p. 168):

Dá para imaginar que, por maiores e mais avançados que sejam os recursos contemporâneos de transmissão da informação, uma educação de qualidade pode se dar ao luxo de dispensar a leitura de literatura, ou de ter dúvidas sobre a sua importância, ou de ficar discutindo em círculo sobre as diversas fíbulas que podem (ou não) caracterizar métodos de se chegar lá? Ou entendemos que não há educação sem leitura e nos alarmamos com a situação brasileira, ou estamos perdidos.

Russo (2011), afirma que a mediação de leitura:

Consiste em um ato de ler para crianças, jovens ou adultos, de uma maneira livre e prazerosa, que não exige do mediador grandes habilidades artísticas, A mediação de leitura, é entendida como ato de ler para o outro de forma a despertar seu gosto pela narrativa, é uma estratégia chave na formação de novos leitores.

As cosmovisões sobre o mundo sempre estiveram postas em todas as grandes civilizações ao longo da existência do ser humano, diante disso deve-se compreender que não foi diferente com as civilizações africanas, no que se desenvolveu ao longo da história do continente africano uma ideia que contempla a natureza e suas forças, as ligando com um mundo ritualístico, sendo transferida de geração para geração através da oralidade e hoje da leitura. Segundo Marcuschi (2010, p 22) “Na sociedade atual tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois de não confundir seus papéis e seus contextos de uso e de não discriminar seus usuários”.

A pesquisa evidencia a importância da leitura mediada no que se refere a responsabilidade de trazer para as crianças do candomblé um mundo antes desconhecido, devido talvez à falta de oportunidade ou até mesmo de atividades referentes à leitura dentro desses espaços sagrados, a história dos negros no Brasil se depara com a escravidão e com isso desde essa época vem se formando os mediadores de leitura, ao narrar suas experiências, sendo os principais responsáveis por manter viva todas essas passagens por meio da contação de histórias.

Esta dissertação evidencia a construção dos contos e a religiosidade dos negros escravizados que vieram com os navios negreiros, e a partir deste momento a troca de saberes sobre o divino, daí surge no Brasil o candomblé a primeira religião afro-brasileira, que se desenvolveu nas senzalas pela força e resistência dos negros que teimavam em não perder suas raízes e tradições, “Consequentemente foram influenciadores daqueles que os escravizaram em todos os aspectos” (SANTOS, 2003). Ainda que o cativo tentasse destruir qualquer forma de dignidade humana, qualquer resquício de memória de diversos povos e seus deuses, Os negros sobreviveram à barbárie e dessa forma, impuseram a sua presença cultural e civilizatória. Para Dodebei (2005, p. 48):

A memória é um fator de ligação psíquica coletiva em uma sucessão que visa neutralizar os efeitos da irrupção de um trauma (...) A memória social, todavia pode ser construída na dimensão da oralidade e também nas dimensões da escrita e da imagética.

A leitura mediada colabora com a recuperação e muitas das vezes com o descobrimento de todos esses acontecimentos por parte das crianças do candomblé, a presente pesquisa ressalta a importância de resgatar e de valorizar seus ritos e costumes trazendo para essas crianças, por ser em espaço sagrado histórias de seus ancestrais divinizados, ou seja, os Orixás. Verger (1981, p 19), define os como: “uma força pura asé imaterial, um ancestral divinizado ligado a noção de família”.

A reinvenção das religiões africanas em território brasileiro, se pressupõe ao encontro e o desencontro de diversas etnias e os saberes ancestrais e religiosos preservados por elas, essa elaboração é de fato afro-brasileira, sendo que é africana em sua matriz e brasileira na continuidade histórica, demonstrando que os valores tradicionais das etnias foram compartilhados e se imiscuíram ao novo território. “Foi uma estratégia que desenvolveu meios de se apropriar do novo mundo” (BASTIDE, 1971) e com isso abrindo fronteiras para o mundo lúdico.

Para tanto, a vida dentro dos terreiros de candomblé é uma vida em família que congrega irmãos, pais e mães de santo, o estudo busca aqui fazer uma análise de como é essa relação com seus membros infantis, demonstrando que as crianças do axé aprendem por meio

de histórias contadas por intermédio da oralidade. Os anciões se prontificam a resgatar e passar essas histórias que um dia lhes foi contada, com isso resgatando ensinamentos litúrgicos da sua religiosidade, sem preconceitos e o racismo estrutural existente na sociedade brasileira. Segundo Oliveira, Wada e Gentile (2006, p. 86), afirmam que a leitura colabora para:

[...] o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos meninos e das meninas, proporciona encontros lúdicos, poéticos, gratuitos, repletos de linguagem, que por sua vez, possibilitam o prazer compartilhado das imagens e palavras. Os leitores são remetidos às próprias experiências, o que os leva a lembranças, reflexões e novos conhecimentos.

A mediação de leitura para crianças de terreiro é de grande importância, uma vez que traz uma grande responsabilidade em combater o racismo, as histórias mediadas nesta pesquisa evidencia não só o mundo lúdico, mas também histórias do cotidiano das crianças ao qual elas se identificam. Mediar leitura é abrir portas para o autoconhecimento e para a responsabilidade de formar leitores e, além disso, desmistificar os deuses do panteão africano, investigando o convívio dentro dos lugares sagrados, aqui nomeados como barracões de candomblé, analisando a hierarquização e as políticas cabíveis dentro dessas casas, priorizando o ensino e a valorização de suas memórias trazidas por seus ancestrais. Para Yunes (2009, p. 9):

O ato de leitura não corresponde unicamente ao entendimento do mundo do texto, seja ele escrito ou não. A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro – do leitor – para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está. Aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalística, artística, judiciária, científica, didático-pedagógica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras) para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles.

Para (Sousa; Sá; Bufrem, p. 620, 2020)

A memória pode ser concebida como sinônimo de recordação ou de representação, como forma de preservar um ato passado, imagens vistas ou falas ouvidas. Estes podem estar associados a contextos individuais ou

coletivos, nos quais as memórias se referem não apenas ao sujeito em si, mas ao grupo ou espaço em que ele está inserido.

Entretanto, desenvolver uma pesquisa de como se dá o processo de construção de uma atividade de mediação de leitura infanto juvenil e afro-brasileira com as crianças dentro dos terreiros de candomblé é uma forma de mitigar os preconceitos e o racismo que essas crianças encontram na sociedade, proporcionando a essas crianças um empoderamento em relação a sua vida religiosa, social e cultural, tal como, o texto de Ricardo Andrade nos conta: “Não somos descendentes de escravos como dizem os livros escolares. Somos descendentes de civilizações africanas, de reinados fortes e poderosos. Somos descendentes de reis, rainhas, príncipes e princesas” mesmo que isso não se conte e não seja valorizado pela sociedade brasileira, que é dominada por brancos com uma visão branca de mundo. Yunes (2003, p. 11), demonstra que:

A leitura, por isso, passou, paradoxalmente, a ser um precioso instrumento de reaproximação à vida, pelo qual o deslocamento de horizonte provocado pelo texto, pela interação que mobiliza o sujeito do desejo, ressitua o leitor e faz com que ele possa atualizar o texto no ângulo da sua historicidade, da sua experiência, dando-lhe também vida nova. Assim, como sugeria G. Rosa, a vida é entrelida nas epifanias do discurso, e abre caminho para uma/sua leitura em supra-senso.

A sociedade brasileira desde a sua fundação, tem em sua estrutura o racismo de cor ou racismo de marca, que renegou ao negro um lugar a margem tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista cultural. Sendo que o mito da democracia racial (FREYRE, 1994), que fez pesquisadores de diversos países se interessarem pela formação da sociedade brasileira se mostrou falacioso.

Diante disso, entende-se que a sociedade brasileira se apropriou de diversas manifestações culturais negras, embranquecendo-as para tornar mais simpático ao modo de vida racista e eurocentrado brasileiro. Outras tantas manifestações culturais afrodescendentes foram demonizadas e perseguidas, pois todas têm um caráter emancipador do povo negro, que resistiu ao flagelo imposto pelo regime escravocrata.

Dessa forma, se torna importante no combate ao racismo e a intolerância religiosa no Brasil, a prática da literatura negra dentro dos terreiros de candomblé como forma de empoderamento das gerações vindouras. As crianças do asé devem conhecer através da oralidade e leitura suas origens míticas e divinas, bem como sua origem humana de resistência e perseverança para num futuro próximo se imporem aos atos racistas que ainda impregnam nossa sociedade. Com isso, a cultura afrodescendente tem muito a contribuir, pois foi forjada em uma luta diária e constante para se manter viva na memória de todo o povo negro de terreiros no Brasil.

Sendo a cultura afro-brasileira nos terreiros de candomblé uma forma de resistência ao racismo estrutural da sociedade brasileira, essa cultura também pode ser instrumento de emancipação das crianças do asé frente aos preconceitos enfrentados no seu dia a dia? Diante disso a questão que se coloca é, as crianças do asé podem inaugurar uma nova forma de ver o mundo sem preconceitos, com relação ao seu mundo divino e a sociedade como um todo, partindo da leitura dos mitos e transmutando esses mitos em sua realidade e para a realidade social brasileira.

Em contrapartida a estas perguntas se insere a leitura dos mitos e das histórias como forma de esclarecimento sobre quem foram seus antepassados e como viveram outrora em um tempo mítico se misturando com os orixás em uma grande festa de celebração a vida e a natureza, tal qual a cosmovisão grega que foi basilar para a filosofia ocidental.

E essencial compreender o processo de socialização na atividade de desenvolvimento da mediação de leitura através dos mitos dos Orixás, obtendo por meio da leitura a promoção de um instrumento cultural de empoderamento frente as questões sociais.

A cultura afro-brasileira dentro dos terreiros de candomblé é rica em elementos e formas de se viver o mundo social, diante disso compreende-se que se tal cultura for transmitida através da leitura, bem como da oralidade para as crianças. Essa cultura pode transformar o modo que a sociedade vê as religiões de matriz africanas no Brasil, sem o preconceito e o racismo estrutural.

Dessa forma, entende-se que as crianças em sua pureza e falta de preconceitos podem ser o agente transformador para em breve a nossa sociedade ser mais justa e igualitária do ponto de vista cultural, bem como econômico e também do racismo que cerca os terreiros e todos os adeptos do candomblé, não isentando nem mesmo as crianças.

Por isso se torna importante o trabalho de leitura de mitos e da cosmologia africana para as crianças do asé, desenvolvendo nelas uma noção de luta e empoderamento frente a um estado e uma sociedade racista e euro centrada em suas relações sociais.

A percepção da ancestralidade, advinda dos candomblés, reencarna uma matriz religiosa que é compartilhada com a tradição africana. Essa tradição se encontra em processo permanente de mutação, sendo que a manifestação candomblecista é o retorno a uma África perdida, que no ambiente da senzala, sobreviveu e se abasileirou. “Esse processo foi um mecanismo de enfrentamento a escravidão e ainda hoje útil para o combate do racismo”. Rodrigues (2010).

Ainda de acordo com Rodrigues (2010, p. 4):

As religiões afro-brasileiras nos conferem uma origem, uma identidade cultural e religiosa multicultural, ou seja; feita em trânsito. Assim, podemos encontrar uma possibilidade, entre outras, de inscrevermos um tornar-se negro. Essa possibilidade contrapõe-se aos discursos segregacionistas impostos por àqueles que não são devotos dos cultos afro-brasileiros. Portanto, buscar a pureza é nos aproximar de um ideal potencialmente mortífero: tornar-se branco ou algo do tipo.

A partir dos idos de 1950, os candomblés tenderam a voltar às origens africanas com os estudos etnográficos e fotográficos de Pierre Verger (Fatumbi), sendo iniciado um ciclo de enriquecimento das identidades negras em solo brasileiro, pois, sendo uma religião que ainda não era oficializada, mas que conglomerava uma diversidade cultural e se autoafirmava como a expressão do povo negro. Os pais de santo (babalorixás) e as mães de santo (ialorixás) desenvolveram estratégias para recompor e contextualizar o sagrado em solo brasileiro. Conforme Ferretti (2000, p. 1):

Os terreiros de religião de origem africana mais identificados com a África geralmente constroem sua identidade tomando como referência o conceito de “nação”, que os vincula ao continente africano, à África negra, através de uma casa de culto aberta no Brasil por africanos antes da abolição da escravidão (“de raiz africana”). No campo religioso afrobrasileiro, os terreiros nagô mais antigos e tradicionais da Bahia foram considerados, tanto por pais-de-santo como por pesquisadores da área acadêmica, como mais puros ou autênticos e sua “nação” como mais preservada e/ou organizada.

A busca por essa pureza se dá principalmente como componente de uma identidade negra que foi marginalizada, no pós-abolição, sendo que os terreiros que foram construídos ainda no período de escravidão serviram para fortalecer o componente cultural dos negros, quando se dá a abolição e por consequência começam a se instalar em todas as grandes cidades as favelas, a comunidade negra começa a desenvolver dentro desse espaço circunscrito a sua cultura, que sempre foi agredida pelo Estado, através de prisões, mortes e destruição de terreiros. Porém deve-se levar em consideração como explica Rodrigues (2010, p. 8):

O candomblé, como uma manifestação afro-brasileira, impõe ao Brasil uma dupla inscrição, ou seja, uma condição de ser africano e brasileiro na continuidade de nossa história. Esse tipo de concepção propiciada pela diáspora negra acolhe a presença cultural e humana de nossa ancestralidade. Inscreve a miscigenação e o sincretismo fora dos ditames do racismo com suas justificativas pejorativas. A diáspora possibilita constatar que colonizados e colonizadores, senhores e escravos possuem papéis assimétricos, mas complementares, não sendo possível um retorno a uma tradição pura e absoluta. Essa perspectiva sustenta que, ao buscar uma pureza negra, corremos o risco de perpetuar as ideologias que colocam os povos negros como culturalmente inferiores aos brancos.

Para além, dessas agressões o que se pode ver é que o candomblé em suas variações nunca foi tido como uma religião, sendo considerada seita e contravenção, somente após o período ditatorial que a religião candomblé se constitui perante o Estado como uma religião de fato. Rodrigues (2010, p. 7-8), exemplifica:

Essas interpretações do sagrado envolvem um complexo processo de negociações multiculturais que são submetidas às coletividades. Entretanto, todo esse movimento não é suficiente para anular conflitos e estranhezas.

Podemos observar que há um nós que, da “periferia” território onde reside muitos terreiros –, elabora estratégias para institucionalizar movimentos que visam a garantir o Direito Constitucional de Liberdade Religiosa apresentado na Constituição de 1988. São ações que desejam proteger as tradições ancestrais desses cultos e retirá-las do imaginário pejorativo que reside em outros discursos religiosos. Esses movimentos surgem na “periferia” do discurso hegemônico cristão e, principalmente, neopentecostal como estratégias de diabolização dos cultos afro-brasileiros.

O candomblé, a partir dos anos de 1960, começa a perder espaço dentro das periferias para o neopentecostalismo, que surge como uma religião que prega a atomização e individualização dos indivíduos (Ramminger & Nardi, 2008), sendo que o núcleo familiar extenso, perde espaço para a família nuclear com características norte-americanas, dessa forma toda expressão divina e cultural negra começa a ser demonizada por essas novas seitas neopentecostais.

A imagem de família dentro do candomblé é muito evidente, uma vez que não é tão diferente da construção familiar tradicional, em que cada membro possui uma atividade específica dentro daquela comunidade, nota-se a questão da hierarquia bem enraizada no tratamento dos noviços para com os mais velhos, ainda se mantêm vivos alguns tratamentos que hoje se encontra extinto em alguns lares, como por exemplo, o ato de tomar a bênção aos mais velhos seja seus familiares consanguíneos ou não, Lody (2008, p. 14):

Embora eminentemente religioso e constituído por papéis hierarquizados de homens e mulheres, o candomblé assume sua vocação de reunir e de manter memórias remotas e outras próximas, referenciando culturas, idiomas, códigos éticos e morais, tecnologias, culinária, música, dança entre tantas outras maneiras de manter identidades, de situar e manifestar cada modelo, nação.

O núcleo familiar extenso sempre foi característico das comunidades afro-brasileiras que conglomeram em suas famílias agregados que se tornam irmanados, essa característica descende diretamente dos candomblés que geralmente são compostos por uma família irmanada com divino, sendo que, as denominações são filhos de santo (*yaôs*) e os demais cargos dentro da estrutura familiar.

Segundo Bourdieu (1996, p. 128):

Assim, a família como categoria social objetiva (estrutura estruturante) é o fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria mental que é a base de milhares de representações e de ações [...] que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. Esse é o círculo de reprodução da ordem social.

No entendimento de Barros (2010, p. 31), a família de candomblé:

É o lugar da memória, das origens e das tradições língua ancestral, na qual são entoados os cantos e as louvações, se celebra a vida de uma maneira muito particular, isto é, daqueles que decidiram, juntos, vivenciar uma visão de mundo comum, com regras específicas de com princípio de senioridade e na iniciação religiosa.

Diante disso pode-se compreender que as crianças do asé, tem uma vivência familiar dentro do candomblé e isso possibilita uma perspectiva de mundo e de culturas diferente das demais em nossa sociedade, logo o incentivo a uma literatura própria, através da leitura surge o empoderamento tanto cultural como de uma identidade familiar e negra frente ao racismo. Bastide (1975, p. 45-52) afirma:

A antropologia cultural não pode permanecer hipnotizada pelo mundo do candomblé, ou pela sua fidelidade à cultura ancestral. As religiões afro-brasileiras são religiões vivas que para sobreviver adaptam-se às novas estruturas sócio econômicas brasileiras e a outras metamorfoses, dando origem a novas formas.

É indispensável que o ambiente religioso tenha atividades de praticas de leitura, esta pesquisa observou que a mediação de leitura aplicada em terreiros de candomblé tem um compromisso com a formação das crianças como também o aprendizado cultural, uma vez que a leitura permite vários tipos de descobrimento.

2.2. O feminismo nas religiões de matrizes africanas

Dentro das ciências sociais o gênero é usado para classificar conjuntos de elementos com diferentes características, considerando a identidade dos membros de cada grupo, assim como o sexo, em que a definição fosse aceita na sociedade. As relações de gênero no que se

refere na religião são permeadas por uma violência simbólica no que concerne ao exercício do poder. Há uma forma explícita na masculinização do poder, Grosfoguel (2016) discorre que isso consiste em uma concepção onde não seria exagero a comparação entre a masculinidade e a nobreza.

Gomes (1997) em seu estudo analisou sobre as relações de gênero dentro do candomblé, o autor tentou entender a questão da homossexualidade e as maneiras preconceituosas de pensar o desvio ao tratar-se de sexualidade e religião.

Historicamente o movimento de resistência das mulheres negras teve início no período imperial, foram essas mulheres que criaram táticas de sobrevivência ao regime escravista e organizaram inúmeros movimentos de libertação do povo negro. Durante esse período já existiam registros de rebeliões nas senzalas, fugas, construção de núcleo familiar, formação de quilombos, trabalhos nos centros urbanos e compra de alforrias Frederich (2019).

Grosfoguel (2016) explica que, objetivando refletir sobre os múltiplos aspectos que caracterizam esses elementos, verifica-se que essa resistência é resultante do processo civilizatório proveniente da África, que permanece vivo até os dias atuais. Sendo aqui redefinido nos espaços sagrados através das religiões de matriz africana, irmandades e confrarias.

O feminismo negro sobreveio como vertente do movimento feminista que surgiu no século XVIII, visando uma abordagem interseccional, racial e de gênero, já que o movimento feminista hegemônico não atendia às exigências específicas da mulher negra. Outro fator determinante, é que dentro do Movimento Negro, na sua maioria coordenado por homens, que não demonstravam interesse em combater as pautas relacionadas ao sexismo Lugones (2014).

O acesso ao poder nas religiões – não só nas de matrizes africanas – segue rituais consensualizados nos grupos distintos dentro da sociedade. A constituição das hierarquias ocorre juntamente destes rituais. Contudo, existe uma diferença ao compararmos a forma de ascensão ao poder no cristianismo e no universo das matrizes africanas. No universo do

cristianismo a ascensão está em uma ordem de natureza humana, ainda que para ela, de maneira implícita, esteja a conotação transcendental. A vocação é dom de Deus, entretanto exercê-la é uma opção humana. Todavia, a construção das hierarquias de poder passa pela vontade humana masculina.

A partir desse panorama, deu-se início às confrarias, irmandades e associações religiosas. Ainda no Brasil escravista, mas com ganho de pequenas autonomias, as irmandades se solidificam e ganham espaços físicos. Essa configuração se dá por divisões de etnias, já que os escravizados e seus descendentes eram originários de diferentes regiões, com culturas diversas, e possuíam um vocabulário vasto da família linguística africana.

Diante disso, foram criadas associações para diferentes segmentos da sociedade. Então, surgem associações dos ricos, dos pobres, dos músicos, dos pretos, dos brancos e de outras esferas sociais. Contudo a presença da mulher ainda era tímida no começo, mas depois fizeram histórias ao fundarem terreiros de candomblé e a ⁴Irmandade da Boa Morte. A aparição desses espaços que teriam a finalidade de financiar a ascensão da população negra para que esta se inserisse na sociedade.

Dessa forma, fica evidente a liderança atuante das “mulheres de asé”. Elas já se organizavam politicamente no combate aos desmandos sociais, isto é, protagonizaram uma construção de poder que se fez por meio da preservação da cultura identitária. Portanto, verifica-se aí o primeiro movimento feminista praticado dentro das organizações de irmandades. A ialorixá é o centro que exerce poder e visibilidade, ela define o que vem antes e depois, sem negar o princípio masculino e para além de matriarcas do sagrado, são as detentoras do diálogo como o outro mundo.

Em pleno século XXI, as mulheres negras continuam em um processo constante por reconhecimento de igualdade racial e de gênero, no entanto o racismo segue sendo um fator crucial nesse processo. Nos contextos gerais algumas conquistas foram alcançadas, porém, não o suficiente para diminuir substancialmente esse abismo social. A pesquisa Brasil Retrato

4 A Irmandade da Boa Morte é uma confraria religiosa afro católica brasileira que organiza a Festa da Boa Morte

das Desigualdades Gênero Raça que são apresentados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pela UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher) é o retrato do processo contínuo de exclusão social ao qual as mulheres negras foram submetidas ao longo da história. A participação dos movimentos sociais foi fundamental nessa batalha, tal qual a luta do feminismo negro.

O feminismo negro nasce da necessidade de transversalizar as lutas cotidianas que oprimem as mulheres. A conquista do voto feminino só será efetivada quando parte significativa desta população tiver pautas como equiparação salarial, genocídio da juventude negra, dentre outras necessidades discutidas nos espaços de poder onde se constroem os planejamentos de governo. De acordo com Verger (1986, p. 275):

Na organização da família iorubá, que é polígama, contrariamente ao conceito que pessoas mal-informadas fazem, as mulheres usufruem uma maior liberdade que a que se dá nas uniões monogâmicas. Na grande casa familiar do esposo, elas são aceitas como progenitoras dos filhos, destinadas a perpetuar a linhagem familiar do marido. Mas elas nunca aí são totalmente integradas, deixando -lhes esse fato uma certa independência. Após o casamento, elas continuam a praticar o culto de suas famílias de origem, embora seus filhos sejam consagrados ao deus do cônjuge.

As tradições do Candomblé nos ensinam uma nova perspectiva de compartilhar o poder no universo sagrado, em que a condição de gênero não ocorre como algo que impede o exercício do poder de manipulação do sagrado. Nesse contexto, pode-se notar a relevância da presença das mulheres e seu papel desenvolvido dentro de uma comunidade sagrada.

O feminismo no candomblé carioca enfatiza a responsabilidade e a valorização da imagem da mulher como construtora de saberes e mais do que isso de detentoras do saber religioso que transcende desde a escravidão até os dias atuais, sendo a mulher a responsável por deter o *asé* e de transpassar pela oralidade todo conhecimento advindo de uma cultura e uma religião propriamente dita.

Vive-se em uma época de valorização das mulheres, ao qual elas mesmas se uniram para requerer seus direitos junto às autoridades competentes, e para as mulheres de *asé* não é

diferente uma vez, que elas têm que lutar contra alguns tipos de preconceito, o racismo, a intolerância religiosa e muitas das vezes o simples fato de ser mulher, para uma mulher de asé é importante o empoderamento feminino uma vez que cabe a ela a educação de asé, e aqui educação de asé vai além da identidade de gênero, pois cabe a ela a pratica de atividades que acreditam ser masculina, como por exemplo o toque dos instrumentos sagrados, mais um tabu encontrado nas grandes casas tradicionais de candomblé. Lugones (2014, p. 938) afirma que:

A transformação civilizatória justificava a colonização da memória e, conseqüentemente, das noções de si das pessoas, da relação intersubjetiva, da sua relação com o mundo espiritual, com a terra, com o próprio tecido de sua concepção de realidade, identidade e organização social, ecológica e cosmológica.

Ser mulher, ser do candomblé é uma luta diária devido ao seu protagonismo dentro de sua atuação, isso remete a cultura e a historicidade dos Orixás femininos, em que grande parte delas foram para guerra, e assumiram um papel que era totalmente masculino, isso nos demonstra que desde o inicio a imagem da mulher dentro do candomblé sempre foi de destaque, uma vez que sempre foram detentoras do asé e quando fosse preciso ainda iam para cargos masculinos ocupar o posto que antes era de um homem, de acordo com Cunha (1984, p. 8):

Ela é o poder em si, tem tudo dentro de seu ser. Ela tem tudo. Ela é um ser autosuficiente, ela não precisa de ninguém, é um ser redondo primordial, esférico, contendo todas as oposições dentro de si. Awon Iya wa são andróginas, elas têm em si o Bem e o Mal; dentro delas, elas têm a feitiçaria e a anti-feitiçaria; elas têm absolutamente tudo, elas são perfeitas.

Isso enfatiza a valorização da mulher que é tão capaz quanto qualquer homem, demonstra que as mulheres podem praticar qualquer atividade que antes era só de um homem. Entre outros assuntos já abordados, outro com grande destaque e a questão da adivinhação por parte das mulheres, uma vez que essa atividade deveria ser exercida apenas pelos babalões, e com o passar do tempo veio sendo praticado e com grande êxito por mulheres. Para Reis (2006, p. 87):

Alguns grupos femininos se tornaram tradição em diversas casas de cultos baianas, inclusive no Ilê Iyá Nassô e em seus rebentos: O Gantois e o Axé Afonjá. Enquanto o posto exclusivamente masculino de babalaô (sacerdote adivinho de Ifá ou Fa) declinou até quase se extinguir, as mulheres tomaram conta do negócios da adivinhação, junto com outras atribuições rituais essenciais no âmbito da religião [...]. Com o desaparecimento dos africanos da população da Bahia e com o estabelecimento da supremacia feminina entre os iniciados, a geração seguinte – a dos crioulos – tornou-se, dessa forma predominantemente feminina.

Portanto percebe-se que a mulher vem construindo uma imagem forte e principalmente um papel insubstituível na propagação e na perpetuação dos cultos afro-brasileiros, contribuindo com a valorização da história de um povo que veio para o Brasil em navios negreiros não deixando a mercê uma religião tão importante para a cultura do nosso país. Destaca-se, também, a atividade política que devido ao enfrentamento da intolerância religiosa, muitas dessas representantes de casas de candomblé tiveram que assumir papéis políticos para que assim lutassem contra tal ato desrespeitoso que tanto prejudica a história e a cultura no nosso país. A imagem da mulher e sua representação quanto detentora do asé sagrado nos demonstra a mulher como centro do universo como certamente é pois são capazes de gerar vidas e aqui faço a entender vida de tantas outras formar como a materialização e inicialização de um Orixá.

3. A mediação de leitura para crianças do candomblé

Quando começamos a esboçar a ideia desta pesquisa foi pensando em como a leitura poderia colaborar e melhorar a vida cultural e social das crianças que por acompanharem seus pais, passam grande parte de seu tempo e até de suas vidas dentro de barracões de candomblé, tendo em contrapartida a visão dos costumes protestantes que por sua vez possuem em suas praticas, atividades litúrgicas, mas não culturais voltadas para seu público. Mas o foco desta pesquisa não era somente a contação de história de seus antepassados, mas também o ensino e a prática da leitura mediada ou não.

Foi pensando nisso que propusemos também a começar a observação de atividades de mediação de leitura dentro de barracões de candomblé, quando se trata de alguma atividade relacionada às religiões de matrizes africanas, é um campo muito rico em pesquisa, mas

também é um campo minado, pois estamos tratando da identidade de um povo e seu meio social, ao qual sofre pelo racismo impregnado na sociedade atual, principalmente a intolerância religiosa. Com isso percebe-se que a religiosidade eleva o empoderamento em pessoas que buscam por seus direitos de ritos e cultos e lutam até os dias atuais.

A primeira dificuldade encontrada que pudemos perceber, foi igualar os conhecimentos das crianças com atividades relacionadas à leitura, e a importância que um adulto teria dali para frente para tratar desse ensino e aprendizagem, daí propusemos uma roda de leitura e nesse momento até onde elas tinham o entendimento do que era uma leitura que tinha como personagens os Orixás, uma figura divina que fazia parte de sua vida litúrgica, como elas teriam que lidar com essa carga informacional não só dentro do terreiro mas também em seu cotidiano, para surpresa desta pesquisa, algumas dessas crianças sabiam que os Orixás eram partes elementais da natureza para que assim cuidassem desses elementos dado por Olodumarê (Deus). Corais (2015, p. 35), afirma que:

As rodas de leitura ou contação de histórias contribuem para o aprendizado da linguagem oral e escrita, pois possibilitam o contato das crianças com o texto, estimulam-nas a ouvirem uma narrativa, a mergulharem no universo da literatura e conhecerem personagens e autores, o que as leva a desenvolverem a capacidade de concentração, compreensão de um enredo que pode ser triste ou engraçado, provocar a curiosidade, aflição e alívio, medo e coragem.

Mediar leitura não é tarefa fácil, porém hoje temos a contribuição das tecnologias que facilitam o acesso a tantas formas de conteúdos, auxiliando o hábito da leitura, no que é de grande ganho para as crianças, pois como já foi dito nesta dissertação, a leitura melhora a escrita, a interpretação e todo meio social, pois ajuda a tornar e formar seres críticos, a leitura é um meio pelo qual podemos criar e descobrir mundos e também ajudar na valorização de toda uma cultura e aqui estamos tratando tanto da leitura mediada quanto das crianças de candomblé. Mas afinal o que é leitura? Para Nunes (1994, p. 14):

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política.

A leitura é um processo que funciona como compreensão de mundo de vivências de experiências por seu meio cultural é um apoio nas praticas de ensino, deve ser aplicada ainda nos primeiros anos de vida e levada até a maioridade, como já dito a leitura é cíclica, a leitura na visão de Cosson (2014, p. 36):

Consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.

De acordo com Martins (1984, p. 29-30):

Ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular. Isso porque estamos presos a um conceito de cultura muito ligado a produção escrita, geralmente provinda do trabalho de letrados. A realidade, entretanto, nos apresenta inúmeras manifestações culturais originárias das camadas mais ignorantes do povo e cuja força significativa tem feito perdurar por séculos. Daí a necessidade de se compreender tanto a questão da leitura quanto da cultura para além dos limites que as instituições impuseram. Seria preciso então considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido.

Conhecer o espaço foi primordial, porém dificultoso, pois a maioria das casas de candomblés não realizam atividades com crianças, e algumas ficaram ressabiadas em receber pessoas fora de sua comunidade religiosa, é comum alguns sacerdotes de candomblé não abrir a casa para essas atividades e nós como pessoas devemos respeitar a particularidade de cada um. Porém para a construção desta pesquisa bastava a observação da atividade de leitura dentro do terreiro. De acordo com Ibiapina e Leitão (2021, p. 5):

Os terreiros de candomblé são instituições religiosas independentes, o que significa que, apesar das filiações e das raízes culturais compartilhadas por diferentes terreiros, cada um é autônomo, o que repercute na configuração dos espaços – o arranjo espacial das construções, bem como o partido e o

programa arquitetônico –, das práticas e das normas de conduta que acabam acomodando-se entre a linhagem do fundador do axé e o perfil do dirigente espiritual.

A atividade de mediação de leitura, requer um espaço que seja adequado para assim poder oferecer um certo conforto durante as sessões de mediação de leitura, é claro desde que o espaço que no caso desta pesquisa é o terreiro de candomblé comporte esse quesito, deseje-se que o espaço seja favorável tanto para crianças quanto para o mediador, é importante que o espaço seja arejado, e que seja capaz de acomodar as crianças da forma que elas se sentirem mais confortáveis, algumas crianças preferem assistir as sessões de mediação de leitura deitadas, pode se perceber que a ligação com a terra dentro do terreiro é primordial, pois a terra o “chão” também é solo sagrado.

Para falar de medição de leitura para crianças de candomblé temos que citar duas grandes matriarcas, ⁵Oxum e ⁶yemanja, essas Orixás são as principais responsáveis pela maternidade, nascimento e direcionamento do ser humano, Oxum é a deusa da maternidade, a mãe das águas doces que tem o intuito de educar como um rio que corre em direção a suas praticas e vivências, Oxum é o mistério da força das águas, quando Oxum pisou a terra a vida tocou o mundo. Por tanto Oxum é o educar se pra vida é romper obstáculos tais quais o fluxo do rio. De acordo com Verger (1981, p. 174):

Oxum é chamada de Ìyalóòde (Ialode), título conferido à pessoa que ocupa o lugar mais importante entre todas as mulheres da cidade. Além disso, ela é a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, sem a qual a vida na terra seria impossível.

Yemanja aqui no Brasil é a mãe das cabeças e de todos os Orixás e de todos os seres humanos, a ela cabe o papel de cuidar, mas também de punir com severidade quando um filho seu esquece-se de seu papel no mundo, dizem os mais antigos que a representação de Iyemanja é o Líquido Cefalorraquiano ou Liquor, líquido que envolve o cérebro. Apesar de no Brasil Iyemanja ser cultuado no mar na África ela é uma divindade cultuada no rio por isso sua saudação é Odoya, salve a mãe do rio. Para Verger (1981, p. 190):

5 Òsùn – grafia em iorubá.

6 Yemojá – grafia em iorubá.

Yemanjá seria a filha de Olookun, deus (em Benim) ou deusa (em Ifê) do mar. Numa História de ifá, ela aparece casada pela primeira vez com Orumilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin, rei de Ifê, com o qual teve dez filhos, cujos nomes enigmáticos parecem corresponder a outros tantos Orixás. Dois deles são facilmente identificados: Òsumarè-ègò-béjirin-fonná-diwó (“O arco-íris-que-se-desloca-com-a-chuva-e-gurada-o-fogo-nos-seus-punhos”) e Arirà-gàgà-tí-í-béjirin-túmò-eji (“O trovão-que-se-desloca-com-a-chuva-e-revela-seus-segredos”). Essas denominações representam respectivamente, Oxumaré e Xangô.

Na construção desta pesquisa, pudemos observar que a atividade de mediação de leitura não pretendia criar nas crianças o gosto e a prática da leitura só dentro do seu espaço mas também pós muros, pois toda atividade educacional tem por dever traspasar barreiras para crescimento; pessoal, social e cultural, e com os terreiros de candomblé não poderia ser diferente.

A partir desse momento de ligação das histórias mediadas e do espaço litúrgico foi necessário sabermos que tipos de leituras seriam empregadas para que esta pesquisa seguisse adiante. A leitura segundo Martins 1984, “pode ser dividida em algumas partes tais quais: leitura sensorial; leitura emocional e, por fim, leitura racional,” teve-se que percorrer por todos os tipos de leitura pois uma vai preenchendo a outra na busca de um melhor resultado no incentivo e prática da leitura devido a grande carga cultural do candomblé na identificação de vários objetos litúrgicos como folhas tecidos e instrumentos musicais. Para Martins (1984, p. 40):

Na leitura sensorial os referenciais para este tipo de leitura são: a visão, o tato, o olfato e o paladar. Essa leitura nos acompanha por toda a vida, pois lemos tudo o que está em nossa volta, músicas, imagens, cheiros, sendo um objeto palpável que passa pelos nossos sentidos, indo muito além da compreensão. Essa leitura refere-se à impressão que temos dela, por intermédio dos sentidos, que nos marca, em que podemos realizar nossas escolhas para o bem ou para o mal, para lembrar ou esquecer.

Esta leitura é em essência aquelas primeiras percepções que temos do mundo, são basicamente nossas descobertas, é adentrar o desconhecido, para se trabalhar com mediação

de leitura esse ponto é muito importante, pois trabalhamos aqui em conjunto com a ludicidade. Martins (1984, p. 41), exemplifica:

A leitura Emocional É uma leitura feita por sentimentos, por uma escolha subjetiva. Essa é a leitura mais comum e que incita mais prazer e, por isso, é menos valorizada. Isto acontece porque a leitura emocional mexe com nossos sentimentos, imaginação, fantasia, leva-nos ao encontro de situações de nossa vida, por vezes até, ajudando-nos a lidar com elas.

Esse tipo de leitura acaba marcando momentos, pois há uma identificação com o que foi lido. Na leitura emocional acontece a empatia, nos colocando no lugar do personagem ou, até mesmo, assumimos seu papel, nos conduzindo para o tempo/espço da história lida. Essa leitura requer disponibilidade e predisposição para aceitar o que vem de fora, para aceitar esse outro da história.

Nessa leitura, o leitor lê sem se perguntar como o texto foi feito, sem buscar finalidades e objetivos de leitura, transformando-a em uma saída de tensões e frustrações, como uma fuga, na qual fugimos da realidade, das circunstâncias e interagimos com o texto, como um refúgio de uma realidade não muito agradável. Este tipo de leitura envolve o leitor, em geral, é a leitura de romance, reportagem, novela, revista etc., algo visto por intelectuais como sendo de valor pejorativo, a leitura emocional é desconsiderada devido a uma possível falta de atitude intelectual, sendo caracterizada como mera distração.

A leitura racional permite uma compreensão maior do texto em si, percebendo a relação leitor, texto e contexto. A leitura racional é mais exigente, predispõe à indagação, compreensão, questionamento, diálogo com o que é lido; o leitor se desprende de sua emoção, com a finalidade de aprender, produzir e criar a partir da leitura. Ainda de acordo com Martins (1984, p. 80-81):

A leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões, implica mais concretamente possibilidades de desenvolver o discernimento acerca do texto lido.

Este tipo de leitura permite uma familiaridade, relação do leitor com o texto, o que resulta no conhecimento, não se trata apenas de sentir o texto e nem, tampouco, só perceber nele sua estrutura e as relações entre as partes que o compõem; há um processo de conquista, que visa o conhecimento e respeito à leitura; requer atenção especial para poder perceber suas peculiaridades; sendo assim, as possibilidades de leitura se multiplicam, ampliando o conhecimento, as necessidades e as exigências.

Os tipos de leitura acima descritos se correlacionam, simultaneamente, ainda que um possa prevalecer frente ao outro, já que o indivíduo é, na maioria das vezes, sensação, emoção e razão ao mesmo tempo; não tendo uma dicotomia entre as partes, essas instâncias se interpenetram e complementam-se. O homem lê da mesma forma como vive, em um constante processo de interação entre sensação, emoção e pensamento. Não há uma hierarquia entre os tipos de leitura, embora, pelo amadurecimento de leitura, comumente aconteçam na ordem citada.

A leitura possibilita a conquista de autonomia, amplia horizontes, implica responsabilidades. É uma atividade individual, em que cada leitor atribui um significado; dependendo da experiência, vivência e do conhecimento que tenha, a leitura perpassa o âmbito pessoal das relações e o social, que se refere à oportunidade cultural, econômica, política e material. Deve-se buscar formar leitores que passem a integrar esse contexto literal e que tenham compromisso em formar novos leitores, pois essa é uma questão cíclica segundo Abramovich (1989, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião(...) E isso não sendo feito uma vez ao ano Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente

A leitura tem múltiplos sentidos e interpretações. Sendo assim, não se pode esperar que a partir de uma leitura todos os leitores cheguem ao mesmo pensamento, como se houvesse uma única verdade possível para se interpretar, visto que, a compreensão da leitura depende do tipo de leitura que se faz e do tipo de leitor que lê, para acompanhar o tipo de

leitura que se lê, depende integralmente do leitor; não se deve ter preconceito com o tipo de leitura, pois isso criará no leitor que está em formação, um certo desconforto; esse é um ponto que vai ser trabalhado ao longo do aprendizado à leitura, pois toda leitura é dotada de uma informação, é claro que existe a leitura modificadora e a que não constrói.

Enfatizamos a leitura sensorial, fundamental para esta pesquisa pois para as crianças do candomblé é importante essas sensações, como o tato o olfato a visão, pois em seu meio está cheio de praticas e afazeres que remetem a uma história de uma divindade ou não. Por exemplo, o cheiro da maceração de ervas (esmagar as folhas para que extraia delas seu sumo, muito utilizado no culto aos Orixás), provavelmente elas farão uma conexão com o Orixá Ossãe, que para a comunidade candomblecista é o médico dos orixás que remove o sumo das folhas para a cura das doenças humanas ou não. Outro exemplo é a fritura do acarajé remetendo ao Orixá Oya/Yansã, senhora das tempestades ou até mesmo o próprio ferro que tem em Ogum o Orixá da guerra representado.

3.1. Mediando leitura para crianças do candomblé

Quando iniciamos esta pesquisa, pensamos como seria uma atividade para essas crianças que durante muito tempo ficavam ali a mercê das horas. Neste momento, lembrei-me do período em que mediava leitura para crianças hospitalizadas no Projeto Biblioteca Viva em Hospitais no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atentei-me para duas situações muito diferentes, porém com alguma similaridade, enquanto no hospital as crianças estavam ali devido seu quadro clínico, muitas das vezes internadas por meses e até anos, as crianças de candomblé passam longos períodos com seus responsáveis devidos as atividades do *asé*, um exemplo é a iniciação ao qual se passa um mês dentro do terreiro.

Um ponto observado, ao longo da permanência dos responsáveis em decorrência dos ritos do *asé*, é a ausência de atividades a se fazer, tornando a internação e a permanência dentro desses espaços um tanto estafante, a mediação de leitura, colabora com o bem-estar das crianças trasportando-as muitas das vezes daquele local para um mundo lúdico por intermédio

dos livros e das histórias contadas. Além, de manter as crianças inseridas em atividades (no nosso caso, de leitura) o sentido de estar no terreiro ganha proporções interessantes, que conjugam aprendizagem, ludicidade e experiências. Para Abramovich (1993, p. 23), “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo”.

Em contrapartida as crianças de alguns candomblé possuem um grande campo espacial para desbravar. Mas, mesmo assim, igualmente a situação de internação das crianças do hospital, acabava se tornando um ambiente fatigante, entendo que a leitura é um campo sensorial, emocional racional e etc. Muitas pessoas não compreendem a real importância da leitura na construção de uma pessoa para o exercício pleno da cidadania, ou até mesmo na construção de uma brincadeira de criança. A leitura vai muito além, ela preenche o imaginário e constrói o físico a partir do que se lê, como, por exemplo, uma receita de bolo, para muitos é uma receita de bolo, mas para um leitor pode ser a porta para várias descobertas. “Inclusive, por meio da imaginação, a criança permite-se ser outras pessoas além dela mesma, descobrindo que pode sonhar, nomear, encontrar outros universos e decifrar a nós mesmos” (Reyes, 2010):

Quando se lê para alguém seja criança ou não esperamos que na imaginação ou na compreensão se entenda algo de vida ou de mundo, meios de cognição de espaços das suas experiências vividas ou não, Conforme Salientado por Piaget (1973) “o conhecimento é fruto das trocas entre o organismo, e o meio e essas trocas são responsáveis pela construção da própria capacidade de conhecer”. O ofício de contar histórias, para Meirelles (1984, p. 41):

O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida.

E é com essa premissa que se deve trabalhar a mediação de leitura para crianças de candomblé, possibilitando a realização de suas próprias conclusões e interpretações daquelas histórias ali vivenciadas pelos seus ancestrais divinizados. Ainda de acordo com Meirelles (1984, p. 79):

Quem não terá ouvido uma lenda, uma fábula, um provérbio, uma adivinhação? Quem não terá brincado com uma canção que um dia lhe aparecera noutra língua? Quem não terá pensado e agido em função de exemplos que são os mesmos de outros povos, de outras eras, provenientes de um esforço análogo do homem para adaptar-se à sua condição na terra.

Um ponto importante a se destacar é também as suas experiências vividas o que elas já trazem de bagagem por coisas que já ouviram ou viram e lhes foram ditas. Uma vez que o *candomblé* é uma religião que se perpetua até hoje por meio da oralidade, aqui destaco os *itãs* (histórias dos Orixás quando habitaram a terra) que são passados dos mais velhos para os noviços e por consequência para as crianças. Para Havelock (1995, p. 27):

Antes da escrita, todo saber era transmitido oralmente, tamanha era a importância da memória nas sociedades tradicionais. O homem confiava em sua memória e suas experiências; este era o mecanismo para conservar e propagar o conhecimento às gerações futuras: “o ser humano natural não é escritor ou leitor, mas falante e ouvinte”.

A leitura para crianças de *candomblé* é uma leitura bem diferenciada das demais pois ali se emprega toda uma identidade, falar de Orixá, seja em uma sessão de mediação de leitura ou não acarreta muitos desafios e o primeiro deles que acredito é tratar os Orixás sendo seres negros, como eles realmente são em sua essência, houve um grande movimento de se embranquecer os Orixás nago-vodun, um exemplo disso é a imagem de Iyemanjá como branca ao qual é homenageada em muitas litorais pelo Brasil afora. Esta foi uma das questões observadas nas sessões de mediação de leitura. Freire (1998), explica que “um terreiro que porque ensina reflete, porque reflete politiza e porque politiza insere a pessoa no mundo e em suas circunstâncias, não apenas para que viva na mesma, mas, sobretudo para que construa e transforme”.

A mediação de leitura possibilita um autorreconhecimento; é navegar em terras distantes é colocar uma criança frente aos seus costumes e crenças; é colaborar com o cognitivo; é querer explorar novos conhecimentos, pois esse é o foco desta pesquisa incutir nas crianças de *candomblé* o gosto pela leitura; é o entendimento pelos seus direitos de crença e indo mais além o saber sobre seu papel em sua comunidade, pois desde de muito jovem

todos seres humanos buscam e querem ser parte de algo, tendo a certeza que tanto a leitura mediada e as histórias contadas são de grande valia para esse processo. Para Manguel (2008, p. 19):

As histórias podem vir em nosso socorro. Elas podem curar, iluminar, indicar o caminho. Sobretudo, podem nos recordar nossa condição, romper a aparência superficial das coisas, dar a ver as correntezas e abismos subjacentes. As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos – uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia.

Contar histórias dos Orixás para crianças do candomblé tem um papel importante, ainda mais quando tocamos na intolerância religiosa, cada Orixá tem seus ritos e suas práticas de culto, e com as características de cada um observou-se que é possível estabelecer práticas de leitura dentro de terreiros de candomblé, com a responsabilidade de contribuir com a formação de pensamento crítico das crianças frente aos ataques as religiões de matrizes africana. A leitura é um meio de combater o racismo seja ele de qual forma for.

3.2. O espaço sagrado para as crianças

Entrando no campo da pesquisa enfatizamos que foi uma experiência singular, devido à dificuldade de encontrar uma casa de candomblé que se disponibilizasse a abrir seu espaço sagrado para uma atividade diferente de sua rotina, era praticamente o novo se entranhando na hierarquia do antigo, as pessoas praticantes do candomblé veem na representação do antigo uma raiz de seus costumes, uma forma de perpendicular sua doutrina. Se embrenhar em um espaço litúrgico que por si só já é uma leitura não mediada, mas sim uma leitura por meio da oralidade da representatividade já é um grande passo a seguir, quantas histórias ali vivenciadas, e a principal de todas, a história dos Orixás vinda para o nosso continente. Para Evangelista (2015):

O terreiro de candomblé é um conjunto arquitetônico específico – com um padrão de edificação mais ou menos característico – onde forças e energias divinas atuam de modo a criar e perpetuar o vínculo com os seres humanos. É um lugar público que, em princípio, é aberto a todos que o procuram,

possuindo também instalações para a habitação permanente ou esporádica de integrantes da comunidade religiosa. Por ser a morada dos deuses do panteão – com locais, objetos, elementos e símbolos próprios de cada orixá – a casa de candomblé está sujeita, desde as suas fundações, a certas regras e procedimentos da liturgia, bem como a um determinado estilo que a caracteriza enquanto tal. Na literatura, geralmente identificam esse estilo como oposto à estética e à arquitetura urbanas.

Para Gil Filho (2008, p.49) o espaço sagrado “se apresenta como palco privilegiado das práticas religiosas. Por ser próprio do mundo da percepção, o espaço sagrado apresenta marcas distintivas da religião, conferindo-lhe singularidades peculiares aos mundos religiosos”. Na ideia de Hernandes (2012, p. 152) “os espaços sagrados são lugares em que as pessoas se encontram consigo mesmo (Imanente), com seu próximo e com o Transcendente”. O espaço dentro das casas de candomblé é algo bem importante, é necessário respeitar os ambientes que ali se encontram pois também são lugares de culto. De acordo com Bastide (1978, p.84):

O solo é a terra, o teto é o céu; entre as duas divindades, os Orixá imitam com sua mímica a vida dos elementos da natureza, a tempestade que se desencadeia (Iansã), o ziguezague do relâmpago (Xangô), o murmúrio dos regatos (Oxum), as vagas do oceano (Iemanjá), e também as ações dos homens que vivem no mundo – os caçadores (Oxosse), ferreiros (Ogum), ou a passagem das doenças epidêmicas (Omolu); o salão de dança é então o microcosmo, ou também, o mundo reconstruído em sua realidade mística, que é a sua verdadeira realidade

Ao se adentrar em um espaço sagrado algumas medidas são essenciais. Foi necessário permanecer um tempo ao lado de fora, para esfriar o corpo, os praticantes do candomblé acreditam que sempre antes de adentrar um espaço sagrado é importante que se espere durante algum tempo. Pessoas não iniciadas no culto não podem adentrar todos os espaços sagrados, e em algumas situações todos precisam tomar o chamado banho de ervas (maceração de folhas com as mãos para banhos) que é para purificar e proteger tanto a pessoa quanto o espaço litúrgico. Para Verger (2004): “no candomblé, a coisa mais importante é a questão das folhas, das plantas que se utilizam no momento em que se faz a iniciação. A natureza está sempre presente dentro da cerimônia. Antes de se fazer a cerimônia a gente toma banho de certas plantas para ter esse axé, essa força que está dentro das plantas.”

Trabalhar e observar a atividade de mediação de leitura de uma literatura infantojuvenil afro-brasileira não é tarefa fácil, ainda mais dentro de seu espaço sagrado. A ideia que foi passada é de quebras de paradigmas, como se ali fosse e realmente é uma luta constante de direitos e deveres e mais do que isso, uma luta diária contra o preconceito, contra a intolerância religiosa e o racismo estrutural, a mediação de leitura para crianças de candomblé tem por uma de suas principais responsabilidades dar um lugar de fala a essas crianças. Para Brandão (2016, p. 3):

Em meio aos desafios emergentes no processo de ensino/aprendizagem, os casos de discriminação são constantes (...) Desta forma, refletimos acerca da necessidade de introduzir livros de origem afro-brasileira no cotidiano destas crianças como forma de incutir a defesa de relações sociais mais justas. Dessa forma, essas leituras ajudaram na decisão das crianças pelo Tema de Pesquisa, pois nelas foi despertada a curiosidade em conhecer mais a fundo o continente Africano. O que possibilitou às crianças não somente o conhecimento geográfico, mas também, da cultura, da história da formação do Brasil e da influência dos povos negros nas manifestações culturais e sociais brasileiras.

O espaço para atividade de leitura dentro de casas de candomblé é primordial, pois este lugar possibilitará o encontro de diversos tipos de informações advindas das histórias contadas nas sessões de mediação de leitura, este espaço que antes era utilizado só para adoração aos Orixás, se abre para umas das responsabilidades mais importante que é inserir nestas crianças a prática da leitura e a valorização dos seus costumes. Para as crianças este lugar pode se tornar um mundo, pois possibilita uma serie de atividades a se descobrir, seja um cântico ou uma dança ritualística. De acordo com Brandão, (2002.152):

Tal como a educação, a religião é um território de trocas de bens, de serviços e de significados entre as pessoas. Tal como as da educação, as agências culturais de trabalho religioso envolvem hierarquias, distribuição desigual do poder, inclusões e exclusões, rotinas, programas de formação seriada de pessoal e diferentes estilos de trabalhos cotidianos.

Para a realização da atividade de mediação de leitura, observou-se que no primeiro momento foi desenvolvido uma acolhida com as crianças para que assim elas ficassem à vontade e prontas para qualquer tipo de diálogo, pois a mediação de leitura também é um diálogo do que se ouve durante as sessões, neste primeiro momento foi distribuído as crianças

desenhos e lápis de cor para que elas se descontraísse colorindo desenhos com figuras dos orixás. Neste momento já percebeu-se o interesse por parte das crianças em histórias voltadas para os Orixás.

Na concepção de Mazzamati, (2012, p. 29):

[...] o que importa no desenho é o desenvolvimento das possibilidades de construção de uma linguagem própria e criativa por parte da criança. O desenho oferece tanto no seu fazer quanto na sua leitura, para a criança ou adulto, um desenvolvimento esclarecedor e estruturante. O desenho, ao apresentar-se à nossa vida, ajuda a ordenar nossos pensamentos, esclarece significados e nos indica caminhos

Seja lápis de cor, canetinhas hidrocor ou até mesmo giz de cera, a atividade de colorir é empregada na infância, principalmente nos anos iniciais, e por que não com ajuda dos seus pais. Além de incentivar as crianças a explorarem seu lado criativo, estimula diversas habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento, motor, cognitivo e socioemocionais, por tanto além de divertido a atividade de colorir é uma das principais ferramentas utilizadas na infância. Para construções educacionais dentro e fora da escola.



Figura 3: Desenho de colorir Orixás. Fonte: <https://www.artstation.com/artwork/vJZZnv>.

Durante o momento que as crianças estavam pintando os desenhos já se começou neste instante a indagação dos personagens daquele desenho, quem eram, por que estavam posicionados daquela forma, por que foram escolhidos para serem coloridos, pois tudo tinha um significado tanto para a pesquisa quanto para as crianças, como por exemplo a ilustração do Orixá Oxum, que é a matriarca daquele asé, Ogum por ser o guerreiro de Abeokuta (terra de Ogum na África) o desbravador de caminhos, Iyemanjá por ser a mãe de todos os Orixás e representante do feminismo junto com Oxum no candomblé e por fim Xangô o Orixá da justiça aquele que condena com seis ministros pelo lado esquerdo e absorve com outros seis pelo lado direito, grande rei de Oyo na África. Para Reginaldo Prandi (2001, p. 24):

Os mitos dos orixás originalmente fazem parte dos poemas oraculares cultivados pelos babalaôs. Falam da criação do mundo e de como ele foi repartido entre os orixás. Relatam uma infinidade de situações envolvendo os deuses e os homens, os animais e as plantas, elementos da natureza e da vida em sociedade.(...) Na diáspora africana, os mitos iorubás reproduziram-se na América, especialmente cultivados pelos seguidores das religiões dos orixás no Brasil e em Cuba. A partir do século XIX, primeiramente estudiosos estrangeiros, sobretudo europeus, e mais tarde letrados iorubas iniciaram a compilação desse vasto patrimônio.

Ainda de acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 115):

A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e de sua civilização.

Desenvolver com as crianças de candomblé atividades artísticas, aqui me refiro a pintura de desenhos com imagens específicas dos Orixás foi uma forma de preparar o ambiente, pois colorir também possibilita o senso artístico, além de proporcionar uma concentração mais ampla o que ajuda muito neste tipo de atividade, lembrando que as letras e as artes andam em conjunto para o desenvolvimento pessoal, artístico e cultural.

3.3. Os Orixás no material didático para a roda de leitura: Oxum, Ogum, Oxóssi, Iemanjá e Xangô

Foi proposto uma literatura que falasse de forma clara e que as crianças pudessem compreender de forma fácil a história narrada, pois quando se trata de uma literatura africana, há muitas palavras em Ioruba (língua africana nativa dos cultos afro-brasileiros). Pode se observar que a coleção; Orixás para Crianças, ainda em processo de publicação a época desta pesquisa intitulada: Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá, de Waldete Tristão e Caco Bressane da Editora Arole Cultural, era uma das preferidas das crianças. Começou-se o estudo das imagens e dos textos, observou-se que este livro era bem lúdico e educativo, ao qual apresenta as crianças os habitat dos Orixás suas formas de culto, suas saudações e particularidades. Segundo Oliveira e Almirante (2014, p. 152):

No caso do Candomblé, isso se torna ainda mais proeminente, considerando a centralidade que a oralidade possui nos processos de aprendizagem, distando da dicotomização estabelecida entre a cultura da escrita, típica do universo adulto, e a cultura oral do universo infantil, de modo que a oralidade e a observação se atrelam na aprendizagem do terreiro. Nos cultos afro-brasileiros: (...) Vale a pena destacar aqui que o processo de aprendizagem se realiza numa dimensão essencialmente comunitária, a observação e aprendizagem dos ritos, dos saberes do candomblé, não ocorrem apenas numa dimensão individual, mas também, e poder-se-ia mesmo dizer que principalmente, no seio da coletividade, não olvidando, contudo, que tal comunidade é complexa e heterogênea, havendo na mesma uma cultura própria das crianças.

Deu-se início as sessões de mediação de leitura. Naquele momento existia quatro exemplares de diferentes títulos; Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá; Exu dois amigos e uma luta; Ogum o inventor de ferramentas e Oya a mãe que não abandona os filhos. Em comum acordo e com decisão por parte das crianças, foi escolhido o título Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá mostrou-se o livro para as crianças, a capa e todas as páginas, entregou-se o livro as crianças passando de um a um, para que o contato com o livro ajudasse também, sendo essa atitude uma incentivadora na prática e no incentivo a leitura, o contato é primordial. Inicialmente foi mediada todas as histórias contidas no livro: Exu; Ogum; Oxóssi;

Omolu; Ossaim; Oxumarê; Nanã; Oxum; Obá; Ewá; Iansã; LogunEdé; Iemanjá; Xangô; Oxalá e Oxaguiã



Figura 4: Livro Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

De acordo com a tabela abaixo, as sessões foram aplicadas em cinco encontros de uma hora e meia, a cada encontro foi mediada a história de quatro Orixás e no último encontro observou-se a atividade em torno dos Orixás que as crianças mais se identificaram, ou seja: Oxum, Ogum; Oxóssi; Iemanjá e Xangô.

Encontro 1	Exu; Ogum; Oxóssi e Omolu
Encontro 2	Ossaim; Oxumarê; Nanã e Oxum
Encontro 3	Obá; Ewá; Iansã e LogunEdé
Encontro 4	Iemanjá; Xangô; Oxalá e Oxaguiã
Encontro 5	Oxum, Ogum; Oxóssi; Iemanjá e Xangô.

Tabela 1: Sessões de mediação de leitura

A mediação de leitura deve durar o tempo necessário para que cada criança assimile as histórias no seu tempo e de sua maneira, pois em outro momento deve-se conversar sobre as histórias, trazendo questões de seu cotidiano. Observei o quanto cada criança é diferente, em contrapartida todas elas possuem o mesmo hábito da curiosidade de querer saber, de querer buscar por aquelas informações que está sendo aplicada por meio da mediação de leitura. Algumas crianças em particular gostam de ouvir a mesma história diversas vezes e os mediadores de leitura tem que estar prontos pra isso.

Mediar leitura para crianças de candomblé é um compromisso de fazer destes espaços lugares de aprendizado, ler é estar conectado com seu ambiente com suas manifestações e preferências. Segundo Luft (2011): “A leitura é um processo de interatividade, implicando a explicitação do modo como o leitor visualiza o mundo, dos valores que subjazem às suas manifestações e do encaminhamento da significação do texto

original observadas essas nuances” Para Pereira (2007), ler é “um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular do homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que por sua vez estão sempre submetidas a um contexto”, é algo complexo.

A cada leitura, era possível perceber a interação das crianças, de forma gradativa, a atividade de mediação de leitura é envolvente quando as histórias narradas fazem parte de seu cotidiano. A leitura nunca deve ser imposta em sentido de obrigatoriedade e sim posta em disponibilidade, pois o livro deve envolver as crianças com assuntos que são capazes de fazê-las refletirem sobre a história e sua aplicabilidade no seu cotidiano. Isso coloca a criança dentro de um campo ao qual ela será capaz de reformular suas questões, contribuindo com o aprendizado e suas experiências.

De acordo com Britto (2006, p. 84) “ler é uma ação intelectual, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos”. Para Soares (1988, p. 28), a leitura é um ato político, e bem concernente a sua aplicação em espaços sagrados tal qual aos terreiros de candomblé.

3.3.1. Oxum rainha das águas doces

Como o livro tinha uma ordem, pude perceber que por conta do espaço foi perguntado às crianças que histórias elas queriam ouvir primeiro, e como uma pergunta que eu já imaginava a resposta, abriu-se a página que apresentava o Orixá Oxum. Essa divindade representa as águas doces e a maternidade, e tudo que o ser humano possa usufruir dos rios. Começou aí o que realmente importa com as sessões de mediação de leitura além de sua prática e incentivo a responsabilidade em cuidar do meio ambiente, pois lembrando que além de um empoderamento étnico-racial a leitura também é uma aliada no senso crítico e na formação de opinião. Perguntei as crianças sobre a água potável, e claro algumas souberam responder sobre a importância de não poluir os rios e as suas margens. Segundo Verger (1996, p. 399), Oxum:

(...) imita o comportamento de uma mulher vaidosa, que vai banhar-se no rio, enfeita-se com colares e pulseiras, agita os braços para fazê-los tilintar, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação em um espelho. Ela é saudada pela exclamação “Ore ye yeo”. (...) é simbolizada por seixos de rios, sobre os quais são colocados pulseiras, colares e leques de cobre.



Figura 5: Oxum - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

Oxum é toda feminilidade, sempre muito esperta e a frente do seu tempo, onde Oxum põe as mãos semeia de amor tanto a terra quanto o coração dos homens, trabalhar com a história de Oxum principalmente para as meninas negras é essencial no que tange a sua identidade feminina, Oxum é uma princesa africana que carrega seu espelho não só para se admirar, mas para refletir para longe tudo que não é bom. De acordo com Nascimento (2014, p. 14-15):

Oxum, a orixá que reina nas águas doces correntes (rios, cachoeiras...), carrega consigo um espelho, o abebé. Muitas vezes ela é chamada, por isso, de vaidosa. Diferentemente dessa leitura tradicional, na qual espelho é associado a vaidade e beleza física, proponho a compreensão desse espelho como fonte de autoconhecimento e reconhecimento, onde uma se mira para mais se compreender.

Oxum é muito reverenciada em todas as casas de candomblé por ser a grande mãe, dizem os antigos do candomblé que foi Oxum quem inventou o culto aos Orixás, responsável por semear e dar de beber a terra, Oxum como diz no livro é sábia e benevolente. Prandi (1991, p. 129):

Oxum é o Orixá do rio Oxum. Aqui é a deusa das águas doces (rios, fontes e lagos). É também a deusa do ouro, da fecundidade, do jogo de búzios e do amor. Veste amarelo, dourado, rosa e azul-claro (...) dança com um espelho-leque na mão, o abebé, gosta também de milho-branco, feijão-fradinho, mel e ovos.

De acordo com Kileuy e Vera de Oxaguiã (2009, p. 433-434):

Oxum (Oṣun) é a deusa da beleza e da meiguice, a mulher menina vaidosa e sedutora, a divindade do amor. É homenageada ao ter seu nome ligado a um rio africano que banha as regiões de Ijexá, Ijebu e Oshogbo, na Nigéria. Rainha da nação Efan, onde reina absoluta, em Ekiti-Efon. Juntamente com Iemanjá, Oxum possui, entre os iorubás, o título de iyálodê (iyáloródè), o posto mais alto entre todas as mulheres de uma comunidade. A divindade Azirí, vodum da nação Fon, possui grandes assemelhações com Oxum, pois também está ligada às águas doces e à gestação. Na nação Bantu direciona-se à Quissimbi, poderosa inquice. [...] Divindade símbolo da feminilidade e da jovialidade, Oxum é muito alegre, gosta de dançar, de festas e principalmente de doces e bolos, que estão sob seu domínio. Essa adoração por bolos e doces origina-se também de sua ligação com as crianças e com o orixá Ibeji, de quem é guardiã.

A sessão de mediação de leitura continuou-se após a uma pausa para o debate sobre a importância de Oxum na terra, sendo ela designada por Obatalá para cuidar dos rios e cachoeiras, foi realizada a mediação de leitura com todo livro, mas para esta pesquisa foi decidido relatar as atividades realizadas com as histórias de Oxum, Ogum, Iyemanjá e Xangô.

3.3.2. Ogum o Deus do ferro e dos caminhos

Ogum é filho de Yemanjá com Oxalá, Orixá de grande conhecimento e respeito pois junto com seu irmão Bara/Exu, ⁷Ogum é responsável pelos caminhos e estradas senhor da agricultura e da forja de aço. Orixá também responsável por trazer alimentos em sua aldeia. Ogum gosta de cachorro, é um grande protetor dos animais, e quando Ogum vem a terra gosta de dançar como se estivesse guerreando.

Ogum é um dos Orixás mais importantes pois a ele cabe o início de todas as coisas, é ele quem protege os caminhos daqueles que querem desbravar o novo. Foi importante falar sobre essa divindade, uma vez que a mediação de leitura também é desbravar mundos novos no imaginário das crianças. No sincretismo religioso Ogum é equiparado a São Jorge, mas como esta pesquisa um dos intuitos com as sessões de mediação de leitura é a valorização da cultura afro-brasileira e isso inclui a religiosidade, trabalhei a diferenciação entre São Jorge quanto santo da Igreja Católica, e Ogum como Orixá um Deus negro vindo da África.

É importante salientar que a mediação de leitura pode tocar em assuntos considerados frágeis, e tudo se torna mais melindroso quando é trabalhado com crianças, pois nós adultos somos formadores de opiniões, daí a importância e a responsabilidade da imparcialidade, pois em nossa observação foi perceptivo a dificuldade de trabalhar certos tópicos com crianças do candomblé, como por exemplo a demonização dos deuses iorubanos.

Com a história de Ogum as crianças aprenderam que a ele se dedica o pão de cada dia, claro olhando pelo lado religioso e cultural do candomblé, Segundo Verger (1981, p. 88):

A importância de Ogum vem do fato de ser ele um dos mais antigos dos deuses iorubás e, também, em virtude da sua ligação com os metais e aqueles que utilizam. Sem sua permissão e sua proteção, nenhum dos trabalhos e das atividades úteis e proveitosas seriam possíveis. Ele é, então e sempre, o primeiro e abre o caminho para os outros Orixás.

7 Ògún – grafia em iorubá.

Ogum é o guerreiro que possibilita que tenhamos nossos utensílios para que possamos produzir as ferramentas para agricultura, como um lindo espelho de metal para Oxum, Ogum como dizem é um homem todo feito de ferro, a ele Obatalá ressignificou a forja dos metais. De acordo com Prandi (1991, p. 126):

Ogum é o Deus de ferro, da guerra e da tecnologia. Patrono dos ferreiros, engenheiros e militares. Seu dia é terça-feira, veste azul-escuro, verde e amarelo (...) suas 'comidas secas' prediletas são a feijoada, o xinxim, acarajé, milho branco. Dança com espada e enrola-se com Mariô (folha nova do dendezeiro).



Figura 6: Ogum - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

Segundo Kileuy e Vera de Oxaguiã (2009, p. 391):

Ogum guerreava contra reinos opressores, devastava e saqueava. Na atualidade, o orixá participa conosco de outras guerras, ajudandonos em nossa luta diária pela sobrevivência e pela superação dos nossos problemas, e também nos nossos duelos físicos e espirituais. Ogum pode ser chamado de um orixá plural, pois também está inserido na produção de alimentos, sendo um dos pioneiros na agricultura, com Oxaguiã e o orixá Ocô, e também na vida na mata, com Oxóssi. Por sua maleabilidade e pelas possibilidades que deu ao homem, ao criar as ferramentas, tornou-se um desbravador na grande produção dos alimentos, na caça e na pesca.

Foi pedido que as crianças dissessem em que lugar de seu convívio elas enxergam aquelas representações da natureza. De prontidão começou-se as respostas, como por exemplo a linha do trem, a lagoa, as matas, a rua onde se localiza o asé, todos esses lugares de representação dos Orixás. Fica nítido como a mediação de leitura é capaz de transportar as crianças de terreiro de candomblé, mesmo que com toda essa pragmática, para lugares e espaços só delas, isso trabalha a parte lúdica e artística das crianças colaborando com o sensitivo. E auxiliando na educação escolar fora do asé, uma vez que a leitura amplia os horizontes. Para Oliveira e Almirante (2014, p. 147):

Além de apresentarem conhecimentos referentes a línguas africanas, nessas crianças são desenvolvidas outras leituras de mundo¹⁵ particulares, sensivelmente distintas daquelas encontradas na dinâmica religiosa hegemônica no nosso país e em grande parte do Ocidente. Por meio dessa cultura é que as crianças constroem as suas próprias cosmovisão e identidade, uma vez que estas são construções socioculturais que se relacionam diretamente com a experiência não só individual como também coletiva.

Dado momento pude captar que estavam se aproximando alguns adultos e tive a preocupação em continuar observando as atividades com as crianças. Os adultos estavam tão envolvidos com a leitura quanto as crianças e, foi uma experiência inédita, pois até aqui, ainda não tinha visto o entusiasmo dos adultos, mas percebi que por ser tratar da religiosidade, o interesse foi praticamente outro, no caso em busca de conhecimentos sobre seus antepassados divinizados. A roda de conversa com as crianças estava muito interessante e elas participaram ativamente de todos os diálogos sobre o livro e os Orixás. Uma roda de conversa para Warschauer (2001, p. 179):

Não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc.

Segundo, Silva (1988, p. 56 apud Smith 1973):

As crianças não aprendem através da instrução, elas aprendem através do exemplo, e aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas. (...) as crianças aprendem desde que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando o seu pai dá-lhe uma chance de trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo. Ela aprende com o objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente quando existe um exemplo um modelo a ser seguido.

Ogum por ser um Orixá guerreiro e sincretizado com São Jorge foi bem recebido pelas crianças, pudemos observar um grande entusiasmo, a leitura mediada teve o compromisso de ensinar e desfazer uma história enraizada nas senzalas, de que Ogum e São Jorge são a mesma divindade, porém a curiosidade investigativa das crianças levou a sessão de mediação de leitura a elucidação de que Ogum é um Orixá e tem suas raízes africanas e São Jorge é um Santo católico de origem turca mudando se ainda criança para Palestina, a leitura possibilita o esclarecimento de assuntos considerados tabu nas religiões afro-brasileiras contribuindo de forma lúdica com a informação. Ogum quando vem a terra nos lembra das responsabilidades que temos que possuir em relação a terra, pois tudo que é semeado com respeito e preservação trará bons frutos, todos os Orixás são responsáveis por cuidar e preservar a natureza.

3.3.3 Oxóssi o grande caçador

Odé também chamado de Oxóssi junto a Yemonja é um dos orixás mais conhecidos no Brasil, a importância de Odé está na responsabilidade de caçar para alimentar sua aldeia ou sua comunidade, assim como Ogum, Odé é um grande estrategista, mora nas florestas as

protegendo contra a degradação que em grande parte é provocada pelo ser humano. Odé e o caçador de uma flecha só, muito festejado nos terreiros de candomblé Brasil afora, os mais antigos dentro da religião dizem que Oxosse é muito ágil, arisco, inteligente, pensa rápido para abater sua presa, exímio caçador

Odé é conhecedor dos segredos da floresta, de todos os animais e seres que nela habitam e do alimento em abundância. Orixá caçador, defensor dos que lutam pelo seu sustento e de sua família. Sem que para isso prejudique o meio ambiente é responsável por prover as refeições dos seres humanos, sempre ajudando aqueles que buscam seu asé, zela pela Terra, vive em sintonia com o meio ambiente, equilibrando todo o ecossistema e seres que vivem nele. Inclusive o revoar dos pássaros. Segundo Verger (1981, p. 112):

Oxossi, o deus dos caçadores, teria sido o irmão caçula ou filho de Ogum. Sua importância deve-se a diversos fatores. O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante. O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato freqüente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber. O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (oníle), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores (ode) eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos (oso).

Oxóssi é o deus caçador, senhor da floresta e de todos os seres que nela habitam, senhor da fartura aquele capaz de enxergar uma preza no escuro. Oxóssi cumpre um papel civilizador as crianças do candomblé enfatizaram na roda de leitura que a história de Oxóssi ensina que praticar leva a perfeição e assim deve ser na vida delas, tanto dentro do terreiro, na escola e em suas casas pois a habilidade adquire-se com o tempo e com prática diária, foi interessante saber o olhar das crianças nesta perspectiva de aprendizagem. Pode se observar que essas habilidades aos quais elas estavam se referindo estavam voltados pra dentro do terreiro, pois com essas praticas constantes elas podem aprender os rituais como por exemplo uma historia, uma cantiga, uma dança, enfim a habilidade de Oxóssi instrui as crianças a querer aprender mais.

Nos estudos de Kiley e Vera de Oxaguiã (2009, p. 181):

Oxóssi foi um dos primeiros orixás trazidos para o Brasil pelos escravos, e seu culto tornou-se tão enraizado e conhecido que mesmo aqueles que não são seus iniciados o reverenciam. Isto é explicado pelo fato de estar muito relacionado com a fartura e a alimentação. Mas também, e principalmente, com a sua principal característica, a liberdade, objetivo central dos negros africanos escravizados, que a ele sempre recorriam em seus rituais. Até hoje é costume, no Brasil, que todas as casas de candomblé iorubá tenham em Oxóssi o seu patrono.



Figura 7: Oxóssi- Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

Com o itã de Odé/Oxosse observamos que as crianças tinham uma forte tendência em associar os orixás aos recursos naturais, achei importante a questão da caça para dividir em comunidade. Com o auxílio da leitura podemos perceber o quanto a responsabilidade de mediar leitura é importante tanto para a propagação e valorização de seu culto como para o entendimento de mundo.

3.3.4. Iemanjá a rainha do mar

A roda de conversa causou um certo entusiasmo nas crianças e em alguns adultos que estavam presentes. A preocupação sempre foi, além do incentivo a leitura e a leitura mediada, o fator educador, ensinar por meio da leitura o cuidado com o meio ambiente, usando para isso a imagem de seus antepassados divinizados com os elementos da natureza, chama-se aqui atenção para a importância da leitura, para educação ambiental, é claro pelo tema que esta pesquisa vem tratando. De acordo com Seitz (2006, p. 38):

O ato de ler não é apenas ver o que está escrito. Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita; é poder ter acesso ao escrito; é construir uma resposta que entrelace informações novas aquelas que já possuía. [...] proporciona a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alojamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; é a exploração de experiências mais variadas, quando não podemos viver realmente. Por meio da leitura, em um ato aparentemente solitário, podemos dialogar com meios sociais e geográficos muito distantes do nosso, podemos dialogar com passados remotos e vivenciar experiências de outros momentos históricos.

Em observação percebi que buscaram sempre correlacionar a leitura com as características dos Orixás ao qual nos primórdios já viveram com os seres humanos no ⁸ayé, cuidaram e semearam o solo e depois de um tempo foram divinizados e partiram para o ⁹òrum, buscou-se mostrar para as crianças a relevância da sustentabilidade.

A leitura adentrou em mais um elemento da natureza, ao qual Iyemonjá é a guardiã, Yemanjá é um Orixá feminino, caracterizada por uma sereia de seios volumosos, seu nome

8 Palavra de origem Iorubá que define a terra.

9 Palavra de origem Iorubá que define o céu ou o mundo espiritual.

significa mãe cujos filhos são peixes, Yemanjá é a mãe dos pescadores, os abençoando com boas pescas, porém Yemanjá pune quem do mar não cuida, quem o mar polui. Conta um itan que as ondas do mar foram criadas para expulsar do fundo dos mares e rios toda poluição feita pelos seres humanos, este poder foi dado a Iyemonjá por ¹⁰Oludumare

Segundo Kileuy e Vera de Oxaguiã (2009, p. 455):

Iemanjá representa a água que refresca e dá vida à terra, que ajuda na procriação e na geração de novos seres. A água que apascenta, que acalma; a que cai do orum Como representação feminina, é primeiramente a mulher bonita, mas é também filha, mãe e esposa, símbolo mítico do papel inerente a todas as mulheres [...] No oceano, Iemanjá controla as marés através das fases da Lua e com a força do vento, que agita suas águas e faz com que elas se mostrem ora calmas, ora tenebrosas e temerárias. Em alguns momentos, tornam-se destrutivas, mas Iemanjá procura abrandá-las, propiciando aos pescadores abundância e variedade de alimentos para sua sobrevivência e seu custeio. É nas profundezas do mar que ela guarda suas riquezas e suas jóias, reinando com seu pai, Babá Olocum!

Yemanjá é defensora dos filhos que choram é mãe de todas as cabeças e de todos Orixás, responsável por educar e deixar o filho seguir o fluxo das ondas, é considerada filha de ¹¹Olókun, o Deus dos mares, muito festejada dois de fevereiro aqui no Brasil dia consagrado a ela pelas bençãos alcançadas por seus fiéis. Ao contrário do que se ressignificou no Brasil, Iyemonjá é negra. Na África é cultuada no rio, aqui no Brasil Iyemonjá tornou se a rainha do mar. Para Nogueira (2017, p.77), afirma que :

Nós nos arriscamos dizer: Iemanjá pode ser entendida como um signo feminino que revela que bem e mal não são substâncias distintas. O mar tanto pode afogar quem pesca como é a base de sua honra. Portanto, o bem e o mal são maneiras de manifestação da mesma potência.

Para os iorubás é a divindade do rio. Por isso Yemanjá é a mãe de todas as águas. Para a psicóloga e mestre em sociologia política Yasmin Fernandes Sales dos Santos “Iyemonjá é a mãe de todas as águas, se existe água, existe Iyemonjá, se nós existimos é por que Iyemonjá existe. Não existe uma cabeça que Iyemonjá não tocou e cuidou, e não há uma

10 Segundo a mitologia iorubá também conhecido como olorum é o Deus supremo, criou o mundo e os orixás.

11 Divindade masculina ou feminina dos mares e oceanos.

cabeça que Iyemonjá não possa tocar e cuidar” (Santos 2022). De acordo com Prandi (1991, p. 130):

Iemanjá. Deusa do rio Níger, no Novo Mundo tomou o lugar de Olocum (o Orixá do Mar na Africa) e ficou sendo a dona dos mares e oceanos. É considerada a mãe dos Orixás (embora se trate de mito de criação recente) e com certeza é o Orixá mais festejado no Brasil [...] Iemanjá veste branco e azul e as contas de seus filhos são de vidro verde-claro, transparente, ou azul claro.



Figura 8: Iemanjá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

Após a leitura sobre Yemonjá começou-se a buscar similaridades do orixá com o universo daquelas crianças que foram bem diretas em suas respostas sobre a importância de preservar os rios, os mares a sua flora, a fauna e como disse as crianças a produção de alimentos, os peixes, o sal etc. As crianças de asé também tocaram num assunto muito importante, o aquecimento global, claro que com seu vocabulário específico, percebo neste momento o quão é necessário atividades como essas dentro destes espaços litúrgicos, pois mais do que afirmar uma cultura e religião está a responsabilidade com o planeta com os ensinamentos deixados por seus ancestrais, pois até os orixás tiveram que aprender a cuidar do aye (terra). Para Verger (1999, p. 293):

Yemojá é a divindade das águas doces e salgadas [...] No tempo antigo, se faltasse água na região, quando Yemoja dormia e, no seu sono, ela se voltava da esquerda para direita, as fontes jorravam [...] é simbolizada por seixos marinhos e conchas. Quando se manifesta, Yemoja segura um leque e suas iyawo imitam o movimento das ondas, dobrando e erguendo o corpo.

Yemonjá é água que corre do rio para o mar é água que flui, é a maré revolta quando está insatisfeita com a poluição do ser humano, não gosta que deixem sujeiras nas areias da praia, não gosta da pesca que não seja para alimentar e caso haja o desperdício, castiga com a escassez de peixes. Segundo Lody (1995, p. 70):

Iemanjá está em todo o mar, é o próprio mar, ou qualquer elemento que habite ou esteja no mar, convivendo com a vida marinha de peixes, conchas, plantas e sereias. Iemanjá gosta das noites de céu estrelado, lua cheia e grande, prateando as águas, para assim aparecer calmamente e pentear seus longos cabelos.

Conforme a mediação de leitura prosseguia, a pesquisa observava as crianças e as histórias dos Orixás, correlacionando com suas vivências não somente dentro do terreiro como também em sua vida cotidiana pois como todo conto tem uma moral da história, com as sessões de mediação de leitura não é diferente e com a passagem da história de Yemanjá, as crianças pontuaram a importância da preservação dos mares.

3.3.5. Xangô o senhor da justiça e dos trovões

Mediar leitura sobre a história dos Orixás para crianças de candomblé tem sido uma atividade de grande ganho cultural, pois perpassa por muitos valores e saberes de antepassados divinizados, escravizados trazido para nosso país em navios negreiros. ¹²Xangô, representa o senso da justiça, grande rei de Oyó na África ao qual é cultuado até os dias atuais. Dizem os antigos que Xangô possui doze ministros, aos quais os do lado esquerdo condenam e os do lado direito absorvem.

A imagem de Xangô apresenta-se como protetor da ordem e o orixá do fogo, dos raios junto com Oya, Orixá do trovão e da justiça. Conduz em sua mão um machado de duas lâminas, o oxé, que representa o equilíbrio que mantém o universo balanceado e consistente, Xangô é o Orixá que tudo vê e um do posto de seus filhos é o ojuobá, os olhos do rei.

Trabalhar o senso de justiça dentro de um terreiro de candomblé ainda mais com crianças foi como dizer que água e óleo não se misturam, pois como eles cultuam um Deus que é o senhor da justiça, e mesmo assim sofrem tanta discriminação religiosa, a pesquisa teve que deslocar-se um pouco do mundo lúdico e trabalhar o senso comum o senso crítico e etc. dai começou-se a dialogar sobre o que é cultura, que simplificarmente resumiu-se em um conjunto de atividades que inclui o conhecimento, as religiões ou crenças, a artes de forma geral, como também a moral a civilidade e o costume de um povo adquirido como membros sociais. Para Storey (2015, p. 30), cultura nada mais é que:

[...] um lugar de luta entre a resistência‘ de grupos subordinados e as forças da incorporação‘ que operam a favor dos interesses de grupos dominantes. Cultura popular, nesse sentido, não é a cultura imposta, a dos teóricos da cultura de massa, nem aquela cultura antagonista que emerge espontaneamente, vinda de baixo, do povo‘ — é um terreno de trocas e negociação entre as duas: um terreno, como já dito, marcado por resistência e incorporação.

Segundo Hall (2003, p. 44):

12 Sàngó – grafia em iorubá.

A identidade cultural é um processo, [...] não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

A personificação de Xangô na mediação de leitura foi muito importante para debater acerca de toda essa discussão em torno da intolerância religiosa que é toda forma de discriminação de crença de um povo ou indivíduo. Em outras palavras afugentar religiões, liturgias e cultos, o intolerante não aceita a diversidade de crenças. Essa questão também está intimamente concernente ao racismo estrutural, em que as religiões de matrizes africanas são as que mais sofrem preconceito na sociedade desde o período colonial, de acordo com Fernandes (2017, p. 118):

Os preconceitos e ações contra esse grupo, o de praticantes das religiões afro, em todos os países americanos em que essas religiões são praticadas, tem a ver com a formação da estrutura estatal sob a colonial modernidade, visto que, para o colonizador, evangelizar as populações submetidas (indígenas e africanos escravizados) era parte fundamental da empreitada colonial.

Em contrapartida assim como os outros orixás são responsáveis por zelar por partes da natureza, Xangô também é cultuado em montanhas e pedreiras sendo o Orixá responsável por toda forma de vida nesse habitat, tendo no Ajapá (tartaruga) o seu animal representativo, Xangô ama a vida, gosta de comer e governa como um bom rei, as crianças neste momento apontavam o que seria ser um bom rei, sendo suas respostas, moradia, saúde e educação igualitária para todo os seres humanos. Xangô sem sombra de duvidas é um Orixá muito cultuado no Brasil é um Orixá politico. Para Kileuy e Vera de Oxaguiã, Xangô (2009, p. 416):

É o senhor da justiça e das leis, sejam religiosas, civis ou até mesmo morais. É juiz, advogado e também promotor, pois tanto pune quanto absolve! Não aceita injustiças nem maldades, sendo muito severo, irascível e enérgico, mesmo com seus filhos. Gosta de ser respeitado e obedecido, principalmente com relação aos seus interditos; o que ele não gosta seus filhos não devem comer ou fazer! Em contrapartida, é muito amigo de seus filhos e também daqueles que são seus amigos, porque gosta muito dos seres humanos, independentemente dos seus defeitos. Se dependesse de Xangô, não haveria a morte (lku), e se ele pudesse daria vida eterna aos homens! Por este motivo

é tão idolatrado pelas pessoas, que sempre lhe pedem que afaste a morte dos seus caminhos.



Figura 9: Xangô - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

Justiça é a palavra-chave de Xangô, senhor também dos trovões. Os antigos dizem que quando Xangô fala a terra treme, e seus inimigos também, gosta do fogo elemento primordial em seu culto. Xangô gosta de tudo que é belo e, ele sabia que sua fúria de rei jamais poderia ultrapassar seu senso de justiça, que mesmo sendo uma dádiva, porém muito severa pois deveria contemplar a todas as pessoas de seu reino, Xangô assim como os outros

Orixás são forças vivas divinizadas da natureza que no tempo certo coloca tudo em seu lugar. Em conformidade com Lody (1995 apud Serra, 1965, p. 88):

“Oranyan, fundador de Oyó, teria tido como sucessor um de seus filhos chamado Xangô. Este último era tão fogoso que, quando falava, lhe saíam chamas da boca e fumo pelas narinas. Havendo tentado atrair e dominar os raios por processos mágicos [...] Xangô, que se tornou deus dos raios, é ainda hoje venerado em toda Costa do Benin”.

Para Verger (1999, p. 307):

Sango é o deus do trovão dos yoruba. É viril e atrevido, violento e justiceiro. Catiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. A morte pelo raio é, por esse motivo, considerada infamante. Uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de Sango.

Após a leitura de todo livro, que apresentou as identidades e particularidades dos dezesseis Orixás do panteão africano, tendo esta pesquisa focado em Oxum, Ogum, Iyemonjá e Xangô, partimos para uma conversa final sobre a importância da mediação de leitura para crianças de terreiro. Mediar leitura especificadamente sobre os Orixás é um tanto quanto desafiador, ler livros que transpassa um ensinamento vivenciado dentro de casas de candomblé de uma forma lúdica e religiosa é um campo bem afunilado, singular.

Mediar leitura é um processo em que a cada vez que nos encontramos para as sessões de leitura as visões de mundo sempre serão diferentes, e isso é o papel da leitura mostrar diferentes visões de mundo mas acima de tudo o incentivo e a prática a leitura como também o respeito a todas as formas de diferenças, sejam elas religiosas, de cor ou cultural. De acordo com Sousa, Santos e Jesus (2020, p.2):

Quando a mediação da leitura é embasada no contexto sociocultural em que o sujeito está inserido, possibilita que ele ressignifique os elementos informacionais e culturais constituintes do seu meio e se aproprie deles. Nessa conjuntura, a mediação da cultura e a mediação da informação são essenciais no processo de mediação da leitura, ao possibilitar que o sujeito se aproprie dos artefatos que compõem sua identidade cultural, em uma relação de pertencimento com sua estrutura sociocultural.

Xangô é o rei de Oyó muito reverenciado nas casas de candomblé no Brasil, a ele pertence o senso de justiça e o equilíbrio para que assim o ser humano possa viver em sintonia com o mundo e a natureza.

Considerações finais

A leitura mediada sempre foi um interesse muito grande por parte desta pesquisa, sempre enxergamos na leitura um meio pelo qual podemos chegar a um lugar-comum, um espaço que possamos nos conectar com vários tipos de mundos e pessoas, para assim reeducar ideias e formar leitores, a leitura é capaz de nos transportar para imaginações e sensações que não conseguimos pelo simples fato de estarmos estigmatizados com a não prática de ler, vemos na leitura um aliado no combate ao desconhecimento e por que não a desinformação.

Uma das questões desta pesquisa foi de observar as crianças de terreiro em alguma atividade que fosse capaz de contribuir com suas vidas a posteriori, em vistas a algumas religiões, e aqui em específico as igrejas protestantes e as católicas, ao qual preferimos não mencionar por ética de pesquisa, fizemos uma comparação de atividades dominicais, em que crianças protestantes e católicas, vão com seus pais aos cultos principalmente aos domingos, lá existem pessoas preparadas para a leitura e o ensino da bíblia de forma lúdica para crianças, porém sem nenhuma preocupação com outros tipos de leitura, e com sua formação social.

A presente pesquisa teve como responsabilidade propor atividades de leitura, porém, com uma preocupação cultural de quaisquer que fossem o gênero literário para crianças de terreiros que passam grande parte de seu tempo e de suas vidas dentro do candomblé, devido a longa permanência de seus pais e até em alguns casos delas mesmas, a questão desta pesquisa foi observar uma atividade que preenchessem esse tempo e ao mesmo tempo contribuir para seu aprendizado.

Foi nítido a importância da mediação de leitura para as crianças de candomblé, ao qual pode se observar o interesse e a vontade de participação a cada sessão, mediar leitura dos

Orixás foi importante no que tange sua identidade cultural e também de crença, acreditamos que foi essencial uma vez que muitas dessas crianças não tiveram contato com a literatura infanto juvenil afro-brasileira, deve-se pensar nas políticas públicas para o desenvolvimento de ações que ainda não são vivenciadas em espaços escolares e por que não em espaços religiosos, como por exemplo, a lei 10.639 que incluiu oficialmente nos currículos escolares o ensino da história e da cultura afro-brasileira, percebe-se ainda, que não é tão aplicada nas escolas, pois o preconceito com atividades relacionada a cultura africana ainda é existente.

A presente pesquisa deixa um importante compromisso com os sacerdotes e adeptos do Candomblé em elaborar práticas de incentivo a leitura dentro desses espaços, e não somente a leitura como também diversas atividades culturais, esta dissertação evidenciou que um terreiro de candomblé quanto espaço litúrgico e religioso, é também um formador de opiniões, daí a importância da leitura pois somos o que aprendemos ao longo da vida, a leitura é como um canal de comunicação um cabo condutor de identidade e conhecimento. A mediação de leitura possibilita a criação de laços religiosos entre pessoas que são transformadas umas pelas outras por meio das histórias contadas de seus antepassados divinizados, concedendo a prática de leitura mediada ou não um caráter mais dinâmico e prazeroso.

Chamamos atenção para o compromisso dos terreiros e também das instituições educacionais na eminência de abrir seus espaços e juntas construir pontes que desmitifiquem e deixem de demonizar as religiões afro-brasileiras, vivemos no avanço das tecnologias, e cada vez mais o ser humano se torna um ser digital, usando grande parte desse conhecimento para atacar e denegrir o povo negro em sua essência, vive-se uma época que essas diferenças são atacadas nas redes sociais em estádios de futebol e etc. Precisamos começar pela base, pelos primeiros anos do ensino infantil, para que assim, quem sabe um dia, essa questão racial fique registrada apenas nos livros.

Esta dissertação é uma porta para os que estão por vir, acreditamos que ela é um pontapé inicial para as construções de futuras pesquisas em torno da mediação de leitura para crianças do candomblé, julgamos que a leitura trabalhou de forma bem tranquila algumas

questões que em sala de aula, ou propriamente seus pais não conseguiriam ministrar, porém com o uso da leitura mediada tudo se torna mais fácil e cabível de realização, esta pesquisa nem de longe foi concluída, pois ela deixa espaços abertos para novas discussões e descobertas. e aqui nos referimos a aplicabilidade das sessões de mediação de leitura em candomblés, e por que não abrir o leque contribuindo assim com as crianças praticantes e frequentantes da umbanda e outras denominações afro-brasileiras.

É visível que temos um campo bem amplo de pesquisa, pois ainda há muito a desbravar, como, por exemplo, incutir nas casas de candomblé que as crianças são o futuro, e quando dizemos futuro nos referimos ao processo de passar informações necessárias para a construção do conhecimento a fim de que essa cultura perpende de forma positiva, autônoma e íntegra. Entendemos a necessidade das casas de candomblé se reinventar, de debater com seus membros formas de pensar em como devem proceder para que o ensino religioso e educativo seja fator de compromisso dentro dos terreiros, demonstrando a importância de formar cidadãos críticos e responsáveis com a sua comunidade em todos os sentidos.

A leitura é uma ferramenta que possibilita o descobrimento tanto do eu quanto do que se espera, por exemplo, de um bom livro, como já dito nesta pesquisa, quem lê se coloca frente a seu tempo, a leitura os leva a lugares que as vezes não precisa nem se deslocar, recomendamos que a leitura fosse proposta em todos os espaços litúrgicos, pudemos verificar que foi muito construtivo a mediação de leitura no terreiro de candomblé, mas também temos em consenso que é preciso traspassar barreiras para que assim as casas de candomblé possam realizar esses tipos de atividades.

Nosso intuito é a ideia da promoção da leitura e da valorização da cultura africana nesses espaços religiosos, trazendo atividades educativas e por que não recreativas. Como já mencionado deixamos perguntas a serem respondidas, mas a principal resposta apresentamos aqui, pois os terreiros de candomblé são sim espaços de fomento de leitura e atividades educacionais tão reconhecidas como aquelas realizadas no espaço escolar, a leitura em

barracões de candomblé é possível, desde que haja um grande engajamento dos sacerdotes, dos pais, da escola, da sociedade e por que não do poder público

Entretanto ao compreender a mediação de leitura como uma atividade abstrata, cultural e política, pois estamos tratando de seres que mesmo sem entender são atores políticos, é importante refletir sobre como a mediação de leitura pode contribuir para que as crianças de terreiro compreendam sua importância e significado na construção e no fortalecimento de seu desenvolvimento social. Seguindo o mesmo pensamento, Queirós (2009, s.p.), afirma que:

[...] é no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. [...] Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. [...] Neste sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços onde circula a infância.

Na perspectiva desta pesquisa, a mediação de leitura para criança de terreiros deve ser considerada uma atividade tão crucial como o aprendizado escolar, pois a ludicidade nas rodas de leitura colabora com o desenvolvimento psicossocial, uma vez que as crianças de terreiros verão seus deuses de forma heroica, e não demonizado como as religiões neopentecostais tentaram construir há tantos anos, observou-se nesta pesquisa que as crianças ficaram mais próximas de suas realidades, proporcionando uma boa dicção, uma boa leitura interpretativa, uma boa escrita, ampliação do vocabulário, um bom convívio em grupo entre outros benefícios. Contudo a mediação de leitura e a imagem do negro nos livros de literatura infantojuvenil são de suma importância na construção humanística destas crianças como atores sociais.

Referências:

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil. São Paulo: Scipicione. 1993.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

ALMEIDA, Waldinéa Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários Mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p.472-490, jul./dez., 2012. Disponível em: http://revista.acbsc.org.br/article/view/File/812/pdf_1 Acesso em: 15 fev. 2023.

AMARAL, Rita de. (1991), "Fornecimento de terreiro de candomblé em São Paulo". NAU — Instituto de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/Amaralpatrimonio.html>

AMARAL, Rita de (1992) povo dos santos, povo da festa O modo de vida do povo do candomblé. São Paulo. FFLCH / USP.

APPADURAI, Arjun. (1986), "Introdução: Ativos e Políticas de Valor". In: A. Appadurai (ed.). Vida Social: Material de uma Visão Cultural. Cambridge: Cambridge Jornal universitário.

BAPTISTA, José Renato de C. (2007), "Deuses vendem quando dão: definições de dinheiro em uma relação de troca no Candomblé". I, 13 (1): 7-40.

BARROS, José Flávio Pessoa de. Na minha casa: preces aos orixás e ancestrais. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BASTIDE, ROGER (1985) Religiões Africanas no Brasil. Pioneiro, São Paulo.

BASTIDE, R. (1971). *As Religiões Africanas no Brasil* (3ª ed. Vol). Rio de Janeiro:

BASTIDE, ROGER (1945) - Ar puro do Nordeste e Imperatriz Gráfica "O Cruzeiro". Rio de Janeiro.

BASTIDE, ROGER (1978) - Candomblé da Bahia - Rito Nagô. São Paulo, Nacional.

BITTENCOURT, C. O saber histórico na sala de aula/ Circe Bittencourt (org). 11.ed. São Paulo: Contexto. 2006. 72p.

BORGES, Luzineide. O lugar do Feminismo Negro no Cotidiano de Mulheres de Axé. Pró-Discente, v. 26, n. 1, p. 128-149, 2020.

BOURDIEU, Pierre. (1977), Argélia 60. Estruturas econômicas e estruturas temporais. Paris: minutos.

BRANDÃO, Isaura De França. A importância da literatura afro-brasileira para a valorização da cultura negra. Anais VI ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25850>>. Acesso em: 08/03/2023 14:04

BRANDÃO, C.R. A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRITO, Danile, Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. Periódico de Divulgação Científica da FALS, jun 2010. Disponível em: Acesso em: 25 jun. 2013. CARVALHO, J.M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 235 p.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. In EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria B.; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). Escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRUNER, J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAFIERO, D. Leitura como processo: Caderno do Professor. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CANANI, Aline Sapiezinskas Kras Borges. (2005), "Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil". Horizontes Antropológicos, vol.11, nº. 23: 163-175.

CARDANO, Mario. Manual de pesquisa qualitativa. A contribuição da teoria da argumentação. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CARMO, João. O que é Candomblé. Brasiliense, 2017.

CARNEIRO, ÉDISON (1978) - Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro, civilização brasileira.

CARVALHO, JOSÉ JORGE DE (1992) - "Antropologia: saberes educativos e primeiras experiências". Série Antropologia, n. 127, Brasília, UnB.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Márcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). Os pensadores e a Ciência da Informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2012. p. 25-36.

CLIFFORD, JAMES (1988) - Uma situação cultural crítica. Imprensa da Universidade de Harvard.

CLIFFORD, JAMES & MARCUS, GEORGE (1986) - Cultura da escrita - Poesia e política da etnografia. Berkeley, Universidade da Califórnia.

CORAIS, Maria Cristina. A linguagem na vida, a vida na linguagem! Afinal, qual a relação entre educação infantil e alfabetização. Goulart, Cecília. Como alfabetizar? Na roda com professores dos anos iniciais. Campinas, SP: Papirus, 2015.

CORRÊA, MARIZA (1995) - "Antropologia no Brasil (1960-1980)". In: MICELI, Sérgio (org.) - História das ciências sociais no Brasil, v. 2, São Paulo, Sumaré, FAPESP.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

CRAPANZANO, VINCENT (1986) - "O problema de Hermes: A ocultação da subvenção na interpretação etnográfica". In: CLIFFORD, James & MARCUS, George (orgs.) - Cultura da escrita - A poética e a política da etnografia. Berkeley, Universidade da Califórnia. (2006), Os Deuses vendem quando oferecem: um estudo dos significados do dinheiro em uma relação de troca no Candomblé. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ.

CUNHA, C. Mariano. "A feitiçaria entre os nagô-yorubá". In: Dédalo, vol. 23. São Paulo, USP, 1984

EVAGELISTA, Daniele Ferreira. Fundando um axé: reflexões sobre o processo de construção de um terreiro de candomblé. *Religião & Sociedade* [online]. 2015, v. 35, n. 1 [Acessado 10 Janeiro 2023], pp. 63-85. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap03>>. ISSN 0100-8587. <https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n1cap03>

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva. Editora Elefante, 2019.

FERRETI, M. (2000). Pureza nagô e nações africanas no Tambor de Mina do Maranhão. *X Jornadas Sobre Alternativas Religiosas En America Latina: Sociedad y Religión En El Tercer Milenio*.

FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. *Revista Calundu*. Vol. 1, n. 1, jan-jul, p. 117-136, 2017.

FLAKSMAN, Clara. Enredo de santo e sincretismos no candomblé de Salvador, Bahia. *Revista de Antropologia da UFSCar*. Santa Catarina. p. 153-169. , jul./dez, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*/Paulo Freire. – São Paulo : Paz e Terra, 1998 (Coleção Leitura) Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.

FREYRE, G. (1994). *Casa Grande & Senzala* (29ª). Rio de Janeiro: Record.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado: Estudos em Geografia da Religião. Curitiba: Ibpex, 2008.

GOMES, L. (2019). *Escravidão-do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares* (Vol-1). Rio de Janeiro: Editora Globo.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 25-49, 2016.

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAVELOCK, E. A equação oralidade-escritura: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, D; TORRANCE, N. *Cultura e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995

HEALEY, MARK (1996) - "Diversidade Cultural nas Cidades das Mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes". Para: *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, (6-7).

HERNANDES, Elisabeth Cristina Carassai. Espaços sagrados: Formação continuada dos professores da rede estadual do Paraná e municipal de ensino de Curitiba. *Caderno Est. Pes. Tur. Curitiba*, v.1, p. 144-155, jan./dez. 2012.

HUMBERTO. Martins, «Pelo prazer da Antropologia, do Conhecimento e da Leitura», *Etnográfica* [Online], vol. 25 (3) | 2021, posto online no dia 29 outubro 2021, consultado em 26 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/10578>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.10578>

IBIAPINA, Felipe; LEITÃO, Lúcia. Espaço, humano e sagrado no candomblé. *Risco, Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo. V. 19. p. 1-11. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/bibli/Downloads/178220-Texto%20do%20artigo-514148-1-10-20210908%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/bibli/Downloads/178220-Texto%20do%20artigo-514148-1-10-20210908%20(1).pdf)

JOAQUIM, Maria Salete. O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

KILEY, Odé.; DE OXAGUIÃ, Vera. O Candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon). Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2009.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

LAGROU, ELSJE MARIA (1994) - "Hermenêutica e Etnografia". In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, FFLCH-USP, v. 37.

- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LANDES, RUTH (1986) - "Mulher antropóloga no Brasil". In GOLDE, Peggy (eds.) - Mulheres no campo: experiência antropológica. Imprensa da Universidade da Califórnia.
- LANDES, RUTH (1967) - Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro. civilização brasileira.
- LÉVI-STRAUSS, Claude- Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Hora do Brasil, 1970.
- LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santos nos candomblés Jeje-Nagô da Bahia: um estudo de relações inter-grupais. Bahia, dissertação de mestrado, UFBA, 1977.
- LIMA, Vivaldo da Costa. (1984) - "Nações-de-Candomblé". Em: A Conferência Internacional de Candomblé. Salvador, Ianamá/CEAO/UFBA.
- LODY, Raul. O povo do santo: religião, história e cultura dos orixas, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.
- LUFT, Gabriela. Práticas leitoras multimídiais e formação de leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2011.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, v. 22, p. 935-952, 2014.
- MANGUEL, A. A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARTINS, Humberto. «Pelo prazer da Antropologia, do Conhecimento e da Leitura», *Etnográfica*, vol. 25 (3) | 2021, 559-560.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura?. 4º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção primeiros passos)
- MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- MEIRELES, C. Problemas da Literatura Infantil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MAZZAMATI, Suca Mattos. Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicos. São Paulo: Edições SM, 2012.
- NASCIMENTO, Tatiana dos Santos. Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa

Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

NOGUERA, Renato. Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

NUNES, José Horta. Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

NUNES, Márcia Bandeira de Mello Leite. Anões conta gigantes: o movimento de defesa da ecologia do bairro da Gávea. 1977. Dissertação Mestrado (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

OLIVEIRA, Amurabi; ALMIRANTE, Kleverton Arthur de. Aprendendo com o Axé: processos educativos no terreiro e o que as crianças pensam sobre ele e a escola. *Ilha*, Santa Catarina, V 16, N. 1, p. 139-174, jan./jul. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/bibli/Downloads/36253-Texto%20do%20Artigo-124183-1-10-20150228.pdf>

PARÉS, Luiz Nicolau. A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
Prandi, José Reginaldo, (1946). Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova. São paulo: hucitec: EDUSP, 1991.

PRANDI, Reginaldo. Raça e religião. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo. n° 42, julho 1995, pp. 113- 129 <https://www.cultserariedades.com.br/?p=2927>, acessado em 08/01/2021. Original de Ricardo Andrade. *Jornal Folha Popular*, 11ª edição

QUEIRÓS, B. C. de. Manifesto por um Brasil Literário. 2009.

RABELO, Miriam. Aprender a ver no candomblé. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, p. 229-251, 2015. RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RAMMINGER, T., & NARDI, H. C. (2008). Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 12(25), 339–346. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000200009> Rodrigues, R. S. (2010). Entre o passado e o agora: Diáspora negra e identidade cultural. *Revista EPOS*, 3(2), 0–0. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000200008

REIS, J. J. Sacerdotes, seguidores e clientes no candomblé da Bahia oitentista. In: ISAIA, A. C. (org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia, 2006. Cap. 3, p. 57-94.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *sur*, v. 24, p. 99-104, 2016.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

SANTOS, Yasmin Fernandes Sales dos. Iemanjá, a divindade africana que ganhou feição branca no Brasil. [Entrevista cedida a] Edison Veiga. *BBC News Brasil*, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60215510> Acesso em: 16 mar. 2022.

SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. *Metodologia científica*. 2012.

SANTOS, B. de S. (2003). *Globalização, Identidade e Diferença: Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. São paulo: Editora Autêntica.

SEITZ, Eva Maria. *Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica*. Florianópolis: Habitus, 2006. 95 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, 104 p. (Série novas perspectivas, 5).

SILVA, Vagner G. (1998) - Um biólogo e seu mágico. Trabalho de fórum e texto etnográfico na pesquisa antropológica sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo, FFLCH/USP.

SILVA, Vagner G. (1998) - Um biólogo e seu mágico. Trabalho de fórum e texto etnográfico na pesquisa antropológica sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo, FFLCH/USP.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

SOUSA, A. C. M. de; SANTOS, R. do R.; JESUS, I. P. de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226> Acesso em: 22 ago. 2023

SOUSA, A. L. M. de; SÀ, P. I. B. de; BUFREM, L. S. Memória e Oralidade: a cantoria de viola e a contação de histórias na Região do Cariri Cearense. *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 619-635, maio/agosto 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/28269/26280> Acesso em: 21 ago. 2023.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Bauru: USC, 1992.

STOREY, J. Teoria cultural e cultura popular: uma introdução. São Paulo: Edições SESC, 2015.

TOLENTINO, Á. B. Memórias coletivas e narrativas museológicas: limites e conflitos da representação de identidades. Revista Memorare, Tubarão, v.5, n.1, p. 63, jan./abr. 2018. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/6301/381 Acesso em: 21 ago. 2023.

VERGER, Pierre. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil". In: Culturas africanas. São Luís do Maranhão, UNESCO, 1986.

VERGER, Pierre, 1902-1995. Orixás: deuses iorubás na Africa e no novo mundo / Pierre Fatumbi Verger; tradução Maria Aparecida da Nóbrega. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

VERGER, Pierre, 1902-1995. Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos Escravos, na Africa/ Pierre Verger, Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. --2. ed.--São Paulo; Edusp, 2000.

VERGER, Pierre (1991) - "Da Europa ao Candomblé. Entrevista: Pierre Verger. In: Revista Planeta. São Paulo, n. 220.

VERGER, Pierre (1995) - deuses africanos. Paris, Ed. Revue Noire, [1954].

VERGER, Pierre (1981) - Orixá. São Paulo, currupio.

VERGER, Pierre (2004). Ewé : o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo. Companhia das Letras. 4 impressão.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas. 2. ed. Tomo II. Madrid: Aprendizage-Visor, 1993.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 2001

WEINER, ANETTE (1983) - Mulheres ricas ou camarada chega aos homens. Paris, Edições du Sei!

ZIIÉGLER, JEAN (1972) - Africano. São Paulo, Difusão.

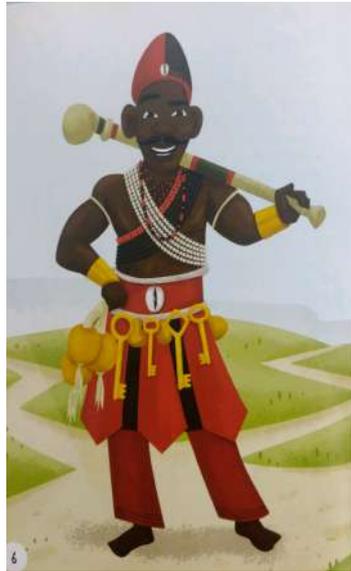
Anexos:

Figura 10: Exu - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

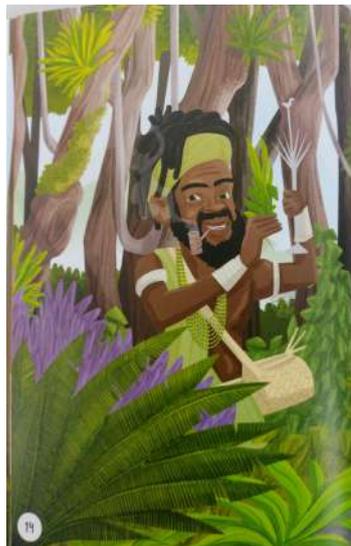


Figura 11: Ossãe - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural



Figura 12: Omolu -
Conhecendo os Orixás de Exu a
Oxalá de Waldete Tristão e
Caco Bressane. Editora Arole
Cultural

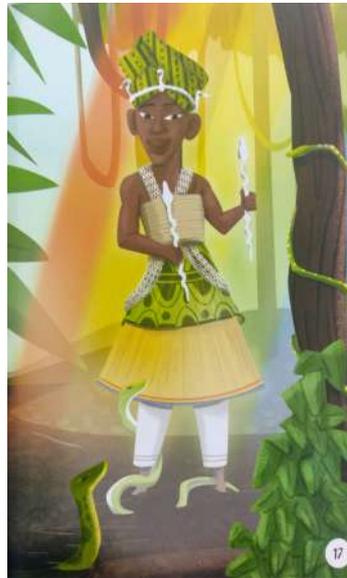


Figura 13: Oxumarê -
Conhecendo os Orixás de Exu a
Oxalá de Waldete Tristão e
Caco Bressane. Editora Arole
Cultural



Figura 14: Oyá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

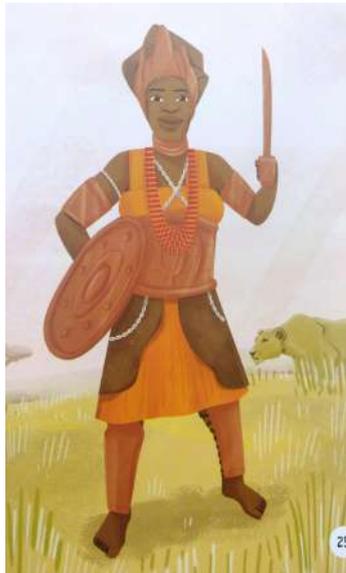


Figura 15: Obá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural

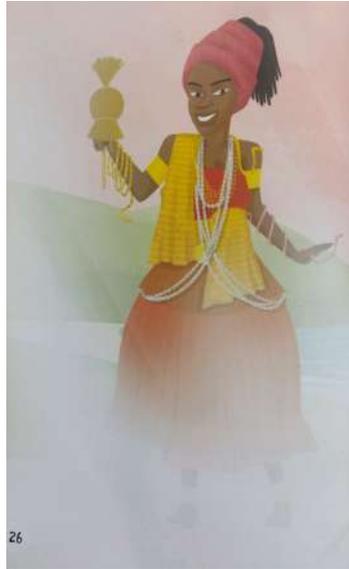


Figura 16: Ewá - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural



Figura 17: Logum Edé - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural



Figura 18: Nãã - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural



Figura 19: Oxaguiã - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural



Figura 20: Oxalufã - Conhecendo os Orixás de Exu a Oxalá de Waldete Tristão e Caco Bressane. Editora Arole Cultural